

Cleone A. C. Leite de Abreu Ribeiro

Modernismo e Anomia: Investigação Sobre
Atitudes de Adolescentes Escolarizados em
São José do Rio Preto - SP



MODERNISMO E ANOMIA

ORGANISMO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOCIAIS

em 1974, ano de 100 anos da Revolução de 1934

1910000242



CLEONE A. C. LEITE DE ABREU RIBEIRO

Ao professor
Dr. Celso Volpe,
com o nosso
respeito

Deleite
27/1 junho/1974

Para a biblioteca
da Faculdade
1/8/74

MODERNISMO E ANOMIA

Investigação sobre Atitudes de Adolescentes Escolarizados
em São José do Rio Preto - S. P.

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de São José do Rio Preto
para obtenção do título de Doutor em Ciências



São José do Rio Preto, Dezembro de 1973

242/84

152

Deleite

Agradecimentos

Ao orientador desta tese, Doutor Rudolf Langner, Professor Titular junto ao Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, por ter orientado nosso trabalho, favorecendo-nos desta forma, com sua lúcida e criteriosa orientação.

Ao Professor Carlos Hunari Prósperi, pela orientação que nos deu na parte estatística desta investigação;

Ao Doutor Carlos Daghljan, Professor Assistente-Doutor junto ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto pela valiosa colaboração prestada na revisão do texto.

A meus pais

À licencianda Florinda meu marido
prestada na revisão. meus filhos

Guilherme

À Professora Ivony dos Santos Góes Elisa
aluna, que cuidadosamente datilografou Gustavo

Aos alunos que, no ano de 1971, colaboraram na aplicação dos questionários;

nosso profundo reconhecimento.

Cleone A. C. Leite de Abreu Ribeiro



Agradecimentos

Ao orientador desta tese, Doutor Rudolf Lenhard, Professor Titular junto ao Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, por ter orientado nosso trabalho, favorecendo-nos desta forma, com sua lúcida e criteriosa orientação;

Ao Professor Carlos Funari Prósperi, pela orientação que nos deu na parte estatística desta investigação;

Ao Doutor Carlos Daghljan, Professor Assistente-Doutor junto ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto pela valiosa colaboração prestada na revisão do texto,

À licencianda Florinda Tebar, pela colaboração prestada na revisão material do trabalho;

À Professora Ivony dos Santos Góes, nossa ex-aluna, que cuidadosamente datilografou o texto;

Aos alunos que, no ano de 1971, colaboraram na aplicação dos questionários;

nosso profundo reconhecimento.

Cleone A. C. Leite de Abreu Ribeiro.



ÍNDICE

	Página
Apresentação	1
Introdução	2
 I- As Escalas de Tradicionalismo	 8
1- As escalas de Tradicionalismo de Joseph A. Kahl	 8
2- A escala nacional de José Augusto Dias ..	13
3- A escala de Tradicionalismo de Apareci- da Joly Gouveia	 16
 II- Metodologia do Trabalho Empírico Realizado em São José do Rio Preto	 20
1- Sujeitos experimentais	20
2- Instrumentos	21
 III- Primeiros Resultados Obtidos com a Aplica- ção dos Questionários	 26
 IV- Comparação entre os Nossos Dados e os Indi- cadores de Modernismo Segundo Kahl/Dias ...	 32
 V- Inadequação dos Ítens das Escalas de Kahl, na Versão de Dias, para o Nosso Meio Sócio- -Econômico-Cultural	 43
1- Particularidades da sociedade local	64
2- Inadequação pela obsolência (aparente) de certas questões	 65
3- Inadequação quanto à forma e conteúdo expressos nos itens	 66



	Página
VI- Inadequações da Padronização Quarti	
lhar	68
VII- Inadequações do Emprego dos Tipos <u>I</u>	
deais.....	72
VIII- Inadequações dos Conceitos de Moder-	
nismo e Tradicionalismo.....	81
1- O conceito de modernismo.....	81
2- Críticas.....	86
IX- Uma Explicação em Termos de Anomia.....	98
1- O conceito de anomia.....	
2- Um trabalho de natureza exploratória.	102
3- Influências exercidas pela família	
como fonte de anomia sobre o compor-	
tamento do adolescente.....	113
4- Influências exercidas pela escola co	
mo fonte de anomia.....	117
X- Considerações Finais.....	124
Anexos	128
Bibliografia.....	140



APRESENTAÇÃO

O presente trabalho procura investigar possíveis inadequações das escalas de Tradicionalismo de Joseph A. Kahl, na versão brasileira de José Augusto Dias, submetidas a três amostras de estudantes em São José do Rio Preto.

Estas amostras são de alunos de curso Colegial (terceira série), de um grupo de formandos do curso de Administradores Escolares e de universitárias do curso de Pedagogia das duas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras locais.

Os resultados empíricos são apresentados, discutidos, e as inadequações, grosso modo, apontadas.

Várias hipóteses que poderiam explicar as distorções encontradas são levantadas e discutidas.



INTRODUÇÃO

No ano de 1971 exercíamos a função de docente do Departamento de Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto (como ainda hoje a desempenhamos) na área de Sociologia e na disciplina "Sociologia da Educação I".

Para que o ensino não se tornasse excessivamente teórico e livresco, incluimos um trabalho de campo entre os itens do programa por nós elaborado, a fim de que pudéssemos familiarizar nossos alunos, pelo menos com algumas técnicas de pesquisa dentre as que são adotadas em Ciências Humanas, na área de Pesquisa Social.

Desta forma, o objetivo original era de natureza pedagógica, com o intuito de aumentar o acervo de conhecimentos relativos à esfera da investigação empírica.

Optamos por um trabalho de campo, por meio do qual os estudantes seriam instruídos sobre as técnicas do "survey", recebendo ao mesmo tempo uma fundamentação teórica sobre o tema a ser escolhido e informações rudimentares sobre estatística.

Para melhor motivar nossos alunos e também nossos informantes, escolhemos o tema "modernismo" para fins de nosso estudo.

A escolha do modernismo justificava-se em primeiro lugar, pelo fato de o assunto estar relacionado a mudanças sócio-culturais, tema este que nos permitia focalizar quase todos os demais itens que compunham o programa.

Por outro lado, pretendíamos nos afastar dos levantamentos sócio-econômicos já "tradicionais" nesta



região e, por isto mesmo, correndo o risco de serem monóto
nos.

Foram necessárias, como complemento pedagógi
gico do trabalho a ser realizado, algumas aulas introdutó
rias, por meio das quais treinaríamos nossos alunos para a
pesquisa. Por outro lado, enfatizaríamos que, dada a natureza
dos sujeitos experimentais acessíveis à investigação, os
resultados praticamente poderiam ser previstos e, neste caso,
o valor do trabalho deveria residir mais na área metodológi
ca do que na aquisição de resultados novos.

Quando nos referíamos à natureza daqueles
que seriam sujeitos da nossa investigação, ou seja, adoles
centes cursando terceiras séries do curso colegial, nossa ex
pectativa era a de que a quase totalidade dos informantes re
velar-se-ia como "moderna" e que, portanto, nada de novo se
ria encontrado. (Esta nossa suposição revelar-se-ia incorreta
em face do resultado do inquérito.).

Nossa posição de professora de Sociologia
também em uma escola de nível médio, na qual exercemos o carg
o em caráter efetivo, determinava um contato muito intenso,
embora assistemático, com os aspectos do fenômeno, e isto faci
lilitava nossas observações, bem como justificava em parte a
expectativa acima mencionada. (Não se concretizando esta, com
o não se concretizou, vimo-nos obrigados a reexaminar os
seus fundamentos, mediante raciocínio e recursos a pesquisas
feitas anteriormente.).

A escola era por nós considerada como um
dos grupos capazes de levar, seguindo o processo crescente de
escolarização, as concepções de vida dos seus estudantes a um
modernismo progressivo, revelado por suas tendências positi
vas de comportamento, frente à mudança sócio-cultural. Se es



te fosse o caso, a educação, tomada no sentido de uma atividade social, poderia ser concebida como um dos indicadores do modernismo individual. (Como este indicador não produziu resultados satisfatórios, com isto estava posto em dúvida a própria premissa em que se baseou.)

Transmitimos, também, a nossos alunos, que a idéia não era nova; todavia, pensávamos comprovar a tese, com relação a alguns subgrupos de nossa sociedade.

Desta forma, propusemos dois tipos de explicações teóricas, que estariam subjacentes ao nosso estudo:

1. O modernismo seria concebido como um dos correlatos da mudança sócio-cultural.

2. Nossas escolas estariam contribuindo para a formação de estilos de vida congruentes com a modernidade.

Nossa escolha de adolescentes não era devida ao acaso, como se percebe pelo seguinte:

Em primeiro lugar, eram pessoas com as quais estávamos em contato direto, o que facilitava a observação de seus modos de agir e de pensar.

Em segundo lugar, havia de nossa parte uma familiaridade com os trabalhos de Joseph A. Kahl ¹⁾, Aparecida Joly Gouveia ²⁾ e José Augusto Dias ³⁾, que atribuem valor muito grande à instrução (principalmente o primeiro) como uma das componentes do modernismo individual, tese que endossávamos. Nossos sujeitos cursavam terceiras séries do curso colegial, o que significava que frequentam há tempo apreciável a escola, sendo de se supor que as influências exercidas pelo processo de escolarização já deveriam mostrar seus efeitos.



Também acreditávamos que as influências e exercidas pela escola neste nível de ensino (segundo grau, se gundo ciclo) sobre seus alunos são mais visíveis do que as exercidas pelos níveis inferiores.

Em quarto lugar, acreditávamos que, com re lação a esta faixa etária, existe uma preocupação com o "ser moderno", que leva o jovem a aceitar o novo, o atual, a espe rar pelo inédito.

Finalmente, havíamos realizado anteriormente um trabalho de natureza exploratória, com adolescentes de ambos os sexos, cujos resultados nos revelaram de mane ira mais ou menos objetiva as suas tendências modernistas perante alguns valores da cultura e que norteavam seus estilos de vida.

Duas hipóteses mais gerais seriam levantadas para os fins de nossa investigação, algo despretenciosa:

1. Adolescentes de ambos os sexos apresen tam-se como mais modernos que tradicionais em suas atitudes perante os valores da cultura.

2. O modernismo apresentado pelos adoles centes é, em grande parte, decorrente da sua participação na vida escolar.

Como já deixamos entrever, não supúnhamos que estas hipóteses fossem rejeitadas. Pelo contrário, a nos sa expectativa era de vê-las confirmadas pelo trabalho expe rimental realizado. Novamente acentuamos que o objetivo do nosso estudo era, inicialmente, de natureza pedagógica, vi sando fornecer conhecimentos aos nossos alunos a respeito de uma área de trabalho frequentemente esquecida por aqueles que exercem atividades docentes no setor das Ciências Huma



nas no magistério secundário.

Por outro lado, pretendíamos mostrar a importância deste trabalho quando do estudo da Sociologia, no sentido de uma aplicação prática ulterior do conhecimento, como, por exemplo, na caracterização sócio-econômica de um tipo de clientela escolar, elaboração de planejamentos e outras atividades de real valor para o progresso da Educação.

Encerrado este trabalho pedagógico, a aquisição dos dados colocou-nos diante de resultados inesperados conforme já apontamos de passagem.

Procedemos, portanto, a um cotejo sistemãtico entre os nossos resultados e os de Kahl/Dias e Gouveia.

Essa comparação encaminhou-nos para uma análise dos conceitos de modernismo e tradicionalismo.

Da discussão metodológica decorreu o recurso a um trabalho anteriormente realizado com outro procedimento.

Disto resultou a reformulação da problemãtica.

1) Kahl, Joseph A., *The measurement of Modernism: A Study of Values in Brazil and Mexico*; Latin American Monographs, nº 12 - Institute of Latin American Studies, The University of Texas, 1968.

Kahl, Joseph A., "Urbanização e Mudanças Ocupacionais no Brasil" - América Latina, Ano V, nº 4 (out/dez. de 1962.).

2) Gouveia, Aparecida Joly, *Professoras de Amanhã: Um Estudo de Escolha Ocupacional*; Centro Brasileiro de Pesquisas Edu



cacionais. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Ministério de Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1965.

- 3) Dias, José Augusto, *Ensino Médio e Estrutura Sócio-econômica* - Ministério da Educação e Cultura - Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, 1967.

I - AS ESCALAS DE TRADICIONALISMO

1. As escalas de Tradicionalismo de Joseph A. Kahl

O trabalho de Joseph A. Kahl (já citado), no qual descreve com pormenores o sistema de valores vigentes na cultura tradicional e na urbano-industrial, tem por objetivo examinar "o complexo de idéias e normas que caracterizam o estilo de vida urbano", principalmente com referência às áreas do trabalho e da ocupação (Kahl, 1962, p.21).

Considera como importantes certos aspectos objetivamente perceptíveis da realidade social, como a divisão do trabalho, o estágio de desenvolvimento tecnológico, os graus de urbanização, o tipo de economia, o sistema de estratificação social, o sistema de educação e comunicação. Todavia, dá maior relevo à área dos valores, na medida em que os valores moldam as atitudes que os indivíduos manifestam perante a cultura.

Dá especial ênfase aos valores vigentes com relação ao trabalho e à ocupação, procurando identificá-los na cultura tradicional e na urbano-industrial.

O autor parte do consenso existente na literatura sociológica (Kahl, 1962, p.22) que indica as diferenças entre os dois tipos de sociedade, aplicando o tipo ideal genérico às esferas específicas do trabalho e das ocupações, construindo um modelo para as sociedades tradicionais e outro para as urbano-industriais.

O trabalho de Kahl teve início em 1960, no



Brasil, com uma série de entrevistas qualitativas, com o objetivo de estabelecer os valores que poderiam caracterizar estes dois tipos de sociedade. Destas entrevistas resultaram 35 histórias de vida, por meio das quais o autor conseguiu apreender muito do que se relacionava às áreas de seu interesse.

Os dois modelos construídos diferenciavam, de um lado, as sociedades no interior das quais os indivíduos formavam atitudes fatalistas com relação à vida e ao trabalho em particular e, do outro, aquelas em que o estilo de vida dos indivíduos era dominado por atitudes de individualismo e desejo de progredir.

Nas sociedades tradicionais, segundo seu esquema, a vida é personificada a tal ponto que o indivíduo não consegue se desvincular dos laços familiares que o ligam a parentes, o que lhe impõe barreiras quanto à escolha de uma dentre várias ocupações: "O trabalho é parte do status geral de qualquer pessoa, e nessa qualidade deve ser aceito, sem quaisquer planos racionais para mudá-lo" (Kahl, 1962, p.22).

Nas sociedades urbano-industriais, o trabalho, cada vez se distanciando mais da família, gera dissociação com as demais atividades da vida do indivíduo, sendo visto como uma atividade separada, com normas e objetivos próprios. Por tais características torna-se independente do controle de parentes, aumentando o papel da educação formal no preparo do indivíduo para uma carreira. São ampliadas as oportunidades profissionais, baseadas em valores que apoiam o impersonalismo, a eficiência e o desejo de melhorar de vida.

Identificados tais valores, Kahl procurou elaborar instrumentos de medida, que tornassem possível determinar o grau em que uma pessoa se apresentava como tradicional ou moderna em suas concepções de vida.



Pretendia, por meio de um questionário, captar as mais importantes orientações de valores que guiassem o pensamento do informante, a respeito de educação, trabalho e carreira. Incluiu no questionário perguntas usuais a respeito da experiência sócio-econômica de cada respondente.

Caracteriza o "núcleo" ("core") do modernismo, assim se expressando: "Um homem moderno é um ativista. Tenta moldar o mundo em vez de passiva e fatalisticamente responder a ele. É um individualista, que não funde sua carreira de trabalho com a de parentes e amigos. Prefere a vida urbana à rural e segue a massa" (Kahl, 1968, p.37).

Os instrumentos de medida que vieram a compor o questionário consistem em escalas que incidem em áreas selecionadas das culturas tradicional e urbano-industrial. São as seguintes (Kahl, 1968, Apêndice C):

1. Ativismo
2. Baixa estratificação de oportunidades profissionais
3. Baixa estratificação de comunidade
4. Baixa ênfase na ocupação
5. Baixa integração com parentes
6. Individualismo
7. Confiança nas pessoas
8. Participação em meios de comunicação de massa
9. Desconfiança das grandes empresas
10. Preferência pelo trabalho manual
11. Preferência pela vida urbana
12. Modernismo familiar (Não foi usada no Brasil)
13. Baixa religiosidade (Não foi usada no



14 - Assumir riscos (Não foi usada no Bra
sil)

Foram formuladas séries de questões sobre atitudes com relação a cada área de valores, tendo resultado escalas que mediam cada valor em separado. Estudaram-se as relações entre as próprias variáveis, com a finalidade de verificar se existiam padrões de valores que formassem um conjunto significativo, tendo sempre em vista a dicotomia: sociedade *tradicional* - sociedade *urbano-industrial*. Organizou-se uma série de perguntas em separado, para cada variável, as quais submetidas à análise fatorial, resultaram em dez escalas.

As escalas e as respectivas cargas fatoriais com relação à cultura tradicional foram assim hierarquizadas (Kahl, 1962, p.25):

Fatalismo	75
Estratificação de oportunidades	67
Laços de parentesco	63
Preferência por vida provinciana	62
Estratificação de comunidade	49
Desconfiança nas pessoas	47
Baixa aspiração ocupacional	45
Baixo individualismo	37
Baixo interesse por notícias de imprensa	35
Alta acomodação às condições de vida	32

As escalas, submetidas à análise fatorial, vieram mostrar consistência entre si, justificando sua adoção a fim de que se pudesse distinguir entre sociedades *tradicionalistas* e *modernistas* e confirmando, segundo o autor,



os tipos ideais da literatura sociológica.

Partindo do contraste entre sociedade moderna e sociedade tradicional, tornou-se necessário ao autor distinguir certas variáveis significativas, a fim de que fosse possível responder à questão: o que torna o homem moderno?

Kahl atribui importância ao local de residência, apoiando o argumento de que o homem se moderniza "vivendo em um ambiente urbano, onde possui um trabalho em uma indústria tecnologicamente complexa, onde lê jornais e assiste televisão, onde está rodeado de homens audazes e ambiciosos e é por eles influenciado" (Kal, 1962, p.27).

Ao mesmo tempo, todavia, endossa também a posição de alguns estudiosos que afirmam ser o tradicionalismo mais uma questão de mentalidade do que de lugar, atribuindo valor considerável à instrução.

Conclui que o que torna o homem moderno, é: local de residência, instrução e nível sócio-econômico. Atribui, entretanto, maior valor à instrução e ao nível sócio-econômico, como pode ser observado pela sua afirmativa: "Status é fator que prevê mais do que residência" (ibid. usando educação e nível sócio-econômico como índices de status).

Admite a existência de um continuum modernismo-tradicionalismo, no qual o indivíduo ocupa uma posição, dependendo do complexo de atitudes subjacentes ao seu comportamento.

Aceita os componentes do modernismo frequentemente citados na literatura sociológica, tentando mostrar que a síndrome de valores modernos, postulada teoricamente, pode ser construída empiricamente.



2. A escala nacional de José Augusto Dias

O trabalho do prof. José Augusto Dias faz parte de um amplo projeto, denominado *Ensino Médio e Estrutura Sócio-Econômica*, que teve suas origens em 1963, no Centro de Educação Comparada da Universidade de Chicago, tendo recebido apoio, no Brasil, do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. O objetivo do projeto era o de realizar estudos e pesquisas referentes a professores e alunos de cursos médios localizados em cinco estados da Federação: São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará e Ceará. No Brasil, a coordenação geral dos trabalhos esteve a cargo da professora Aparecida Joly Gouveia. A pesquisa e os estudos realizados no Estado de São Paulo estiveram sob a responsabilidade de vários estudiosos, além do prof. José Augusto Dias, coautor e organizador da monografia *Ensino Médio e Estrutura Sócio-Econômica* (já citada). Relatamos resumidamente, a seguir, a contribuição de Dias a esta obra (Dias, 1967, "A escala de Tradicionalismo" - pp.63 a 71).

José A. Dias encaminha seus estudos para as inter-relações entre a educação e o desenvolvimento, com especial atenção ao ensino médio do Estado de São Paulo. Está especialmente interessado na complexidade das estruturas ocupacionais e no treinamento intensivo e sistemático fornecido pelas escolas, salientando o valor instrumental da educação na adaptação do homem às condições diversificadas do trabalho.

Investiga as influências que os educandos recebem da escola e suas atitudes frente ao desenvolvimento



econômico do país, bem como as predisposições de pessoas a aceitarem as transformações por que passa uma sociedade em rápido processo de desenvolvimento econômico.

Considera como modernas as pessoas que reagem favoravelmente às mudanças trazidas por estas transformações e, como tradicionais, aquelas que, apegadas a valores antigos, criam barreiras à aceitação destas mudanças.

Fundamenta suas idéias na existência do "continuum" apontado por Kahl, que distribui graus diferentes de modernismo e tradicionalismo. Pretende "quantificar as diferenças de atitude diante de certos estímulos, de forma a tornar possível dizer se um indivíduo é tradicional ou moderno em seu modo de encarar os "fatos". (Dias, p.64)

O instrumento usado para este fim foram as escalas de Tradicionalismo de Joseph A.Kahl, descritas na seção anterior.

As escalas destinavam-se a alunos de segundo ciclo e a professores, abrangendo, como foi dito, os estados de São Paulo, Ceará, Pará, Pernambuco e Rio Grande do Sul, e constituíam o instrumento a ser usado na pesquisa. A pesquisa também abrange empregados de várias empresas.

Segundo o autor, as escalas deveriam ser incluídas num questionário bastante extenso e, por tal motivo, alguns itens deviam ser eliminados, levando-se em conta, principalmente, a carga fatorial de cada escala.

Dias utiliza, para a seleção dos itens, as 29 questões apontadas por Kahl em trabalho apresentado no Congresso Internacional de Americanistas na cidade do México e publicado em 1962 no artigo citado na nota ¹⁾. Após esta seleção restaram 16 itens, sendo que 2 dentre os escolhidos foram reformulados para que discriminassem em sentido inverso



dos demais, tendo sido posteriormente eliminados por revelarem inconstitências.

Dias procurou mostrar que influências exercem, sobre o tradicionalismo, as variáveis: localização, sexo e origem sócio-econômica, tomando uma amostra de informantes no Estado de São Paulo.

a) Com relação à localização, levantou a hipótese de que o tradicionalismo é inversamente proporcional ao tamanho da cidade.

Os resultados vieram confirmar a hipótese no que tange a alunos e empregados. No caso dos professores, as diferenças foram menos marcantes. O autor justifica esta singularidade, afirmando: "Uma das possíveis explicações para este fato, está na mobilidade do pessoal docente, principalmente em se tratando de escolas públicas" (Dias, 1967, 69).

b) Com relação à variável sexo, a hipótese foi a de que as mulheres são mais tradicionais do que os homens.

As diferenças aqui não foram muito significativas, segundo o autor, pois embora tenha encontrado maior número de homens do que de mulheres no polo moderno, nas posições intermediárias os dados chegam mesmo a contrariar a hipótese. Isto vale para todas as categorias investigadas.

Interessante, contudo, é notar que, com relação a esta variável, tomando só a parcela de *professores* com 40 e mais de 40 anos, o grupo feminino apresentou tendência significativa para o polo moderno, quando comparado com o masculino.

c) A hipótese levantada com relação ao nível sócio-econômico foi assim expressa: o tradicionalismo es



tã associado ao nível sócio-econômico, de tal forma que o indivíduo é tanto mais tradicional quanto mais afastado esteja das classes altas.

Considerando esta variável, os dados foram apenas parcialmente comprobatórios da hipótese. Não foi encontrada, entre os alunos provenientes das camadas média, alta e baixa, diferença quanto aos graus de tradicionalismo, que pudesse ser atribuída a esta origem.

Também não são notadas tais diferenças nos estratos altos e médios dos professores e dos empregados, havendo, todavia, tendência acentuada para o polo tradicional entre professores e empregados provenientes de camadas mais baixas.

Os resultados da aplicação das escalas mencionadas, por Dias, aqui sumariamente apresentados, serviram para dar-nos uma imagem quanto ao grau de tradicionalismo e modernismo apresentados por sub-grupos de uma sociedade, quando da medida de suas atitudes.

3. A escala de Tradicionalismo de Aparecida Joly Gouveia

Aparecida Joly Gouveia na introdução do seu trabalho intitulado *Professoras de Amanhã*, já citado na nota ²⁾, declara ter por objetivo principal investigar, num grupo feminino (1.448 alunas do curso normal), as "decisões vocacionais da mulher em uma sociedade que se encontra em processo de rápida industrialização", nos Estados de São Paulo e Minas Gerais.



Pressupõe que a escolha de uma ocupação pela mulher é fortemente influenciada pela sua própria concepção de vida e que os valores que estão à base desta concepção afetam suas decisões relativas ao futuro ocupacional.

Evidencia o fato de que a aceitação de certos valores está relacionada com a origem familiar e, por este motivo, as idéias a respeito da situação desejável para a mulher parecem refletir atitudes mais gerais com relação a valores tradicionais. Pretendia observar até que ponto a mentalidade tradicionalista influenciava num grupo de estudantes (em 23 escolas) a escolha do magistério primário como ocupação.

A fim de poder "operacionalizar" o conceito de tradicionalismo, constrói, após um trabalho exploratório com itens que incidiam sobre valores em diferentes áreas, uma escala a ser usada como instrumento do trabalho que em seguida realizou.

A escala construída resultou de uma seleção de 4 dentre 17 itens (v. Anexos 3 e 4). Alguns dos itens restantes foram também apreciados e usados com a finalidade de se estabelecer, para cada um, sua eventual associação com os graus de tradicionalismo, medidos pela escala.

Embora Gouveia objetive investigar atitudes referentes à ocupação, as questões da escala de 4 itens não apresentam, segundo a autora, no seu conteúdo, nada que faça referência explícita à área do trabalho, o que constitui "uma circunstância feliz" (Gouveia, p.47), pois desta forma a escala está isenta de contaminação.

Respostas positivas aos vários itens representariam a mentalidade tradicional, enquanto as negativas caracterizariam a mentalidade moderna.



A investigação desenvolveu-se em torno das relações entre as variáveis nível sócio-econômico, valores e escolha ocupacional. À apuração dos resultados inicialmente encontrados pela autora com a aplicação da escala de 4 ítems, seguiu-se a extensão da análise a outros dados que pudessem explicar as tendências modernistas ou tradicionalistas dos estudantes.

As conclusões a que chegou, embora revelem que a escala de Familismo pareça ser sensível a fenômenos de mudança social (como pode ser observado pelos resultados referentes às moças do interior, classificadas como mais tradicionais do que as da capital, e as primeiranistas mais "conservadoras" do que as que estão por se diplomar) indicam, para a autora, que a escala parece não ser suficiente para medir o tradicionalismo.

Assim, por exemplo, com referência ao item "inclinação para o magistério", embora tenha revelado maior frequência entre as tradicionais do que entre as modernas, o familismo mostrou-se apenas em parte responsável por este resultado.

Em vista destas conclusões de Gouveia, preferimos adotar a denominação "Escala de Familismo", como consta da obra de José Augusto Dias, ao invés de "Escala de Tradicionalismo", como foi chamada pela própria autora, por considerarmos:

1 - Que a área das relações familiares, de grande importância na conformação das atitudes e dos estilos de vida dos indivíduos frente ao fenômeno que estudamos, não é a única, fazendo parte de um complexo de valores que inclui todas as demais áreas nas quais teoricamente se diferencia u



ma sociedade.

2 - Que a própria autora faz referência a questão quando diz: "Talvez seja apenas uma medida de "fami-
lismo" e este fenômeno seja inteiramente independentes das a-
titudes em relação a valores que incidem em outras áreas"
(Gouveia, pp. 50 e 51).

Por outro lado, a adoção de uma escala de Familismo como um dos instrumentos de medida do tradiciona-
lismo, em nosso estudo, pode ser justificada:

a - pelo fato de os valores retidos pela família realmente influenciarem as atitudes e os estilos de vida dos indivíduos e exercerem forte pressão sobre os mes-
mos no sentido de conformidade a determinadas normas e pa-
drões de comportamento.

b - Porque os valores característicos des-
ta área são, como já foi observado por muitos estudiosos, mais resistentes ao processo de mudança sócio-cultural, implican-
do um grau de "conformidade" maior do que o esperado para ou-
tros setores da sociedade.

c - Porque, dentre as escalas de tradiciona-
lismo de Joseph A. Kahl, a referente à área das relações familiares não sofreu aplicação no Brasil, como também foi exclu-
ída quando da adaptação feita por José Augusto Dias, a-
pesar de alguns itens das escalas fazerem referência a situ-
ações de parentesco.

Em face da incontestável importância desta área, parecia conveniente mantê-la em observação.



II - METODOLOGIA DO TRABALHO EMPÍRICO REALIZADO

EM SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

1. Sujeitos experimentais

Os dados desta pesquisa foram coletados em fins do ano de 1971, na cidade de São José do Rio Preto, em escolas de nível médio que mantinham o então chamado curso colegial. A estrutura do referido curso permitia aos alunos uma diversificação na terceira série, segundo o quadro de opções oferecidas pelas escolas. Estas opções eram: Ciências Físicas e Biológicas, Ciências Humanas, Educação (3 anos), Educação profissionalizante (4 anos) e Letras. As mais frequentes eram as três primeiras.

Incluimos na pesquisa as escolas que as mantinham. Em qualquer estabelecimento incluído em nosso trabalho, todos os alunos das opções consideradas foram tomados como sujeitos.⁴⁾

Os dados coletados provêm, assim, de uma amostra de 508 estudantes (137 do sexo masculino e 371 do sexo feminino) que forneceram suas respostas a um questionário previamente organizado.

Os sujeitos caracterizavam-se por:

Serem de ambos os sexos;

Serem urbanizados;

Pertencerem à terceira série do curso colegial (terem, portanto, um nível razoável de escolaridade para nossos fins de análise);



Pertencerem a uma faixa etária de desenvolvimento comumente chamada adolescência;

Pertencerem a famílias situadas nas diferentes camadas sócio-econômicas;

Serem filhos de pais que apresentaram desde nenhuma instrução, até instrução de nível superior.

2. Instrumentos

Por tratar-se originariamente de um trabalho de natureza pedagógica (fato já levantado), pois nossa intenção era a de familiarizar nossos alunos com as técnicas do "survey", uma economia de tempo se fazia necessária, a fim de que o trabalho de campo se completasse antes do término do ano letivo, possibilitando aos alunos uma sumária análise e interpretação dos dados levantados.

Adotamos, para tanto, a técnica do questionário em aplicação coletiva por classes, pois esta traria a pretendida economia de tempo e apresentava, a nosso ver, razoáveis índices de validade e fidedignidade.

O questionário foi construído de maneira a que não apenas o grau de modernismo ou tradicionalismo de nossos sujeitos fosse evidenciado, mas de que também possibilitasse o controle de outras variáveis, como: sexo, grau de escolaridade e nível sócio-econômico dos pais, bem como de outros dados adicionais de valor imediato ou que pudessem ter aproveitamento posterior (v. Anexo 1).

A aplicação foi feita sob nossa supervisão, por 10 alunos do curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, previamente



treinados e orientados.

Convém observar que os instrumentos de que dispúnhamos, haviam sido construídos por Kahl, Dias e Gouveia, tendo em vista a facilidade de aplicação por auxiliares de pesquisa. Este fato, associado à natureza dos sujeitos experimentais, tornava possível controlar a qualidade do trabalho realizado pelos alunos da Faculdade, quando estivéssemos impossibilitados, por motivos independentes de nossa vontade, de exercer uma supervisão direta das atividades.

No questionário foram incluídos os itens das escalas de Tradicionalismo de Kahl (Kahl, 1968, Apêndice C), com as simplificações feitas por Dias (Dias, 1967, pp. 65 a 67). (A escala simplificada está publicada no livro *Ensino Médio e Desenvolvimento*, Apêndice I, pp. 60 e 61 ⁵).

Conservamos a escala de 16 itens de Dias, tendo contudo alterado a questão nº 16, cujo original é: "Nós, brasileiros, sonhamos com grandes coisas, mas na realidade, somos ineficientes no que diz respeito à indústria moderna".

Para nós, a questão era de relativa dificuldade para o entendimento de nossos jovens, ficando modificada com o devido cuidado para não alterarmos seu significado. Sua redação passou a ser: "Nós brasileiros, sonhamos com grandes coisas, mas somos ineficientes quando se trata de a gir".

Como já foi exposto, conservamos os 16 itens, sendo que posteriormente desprezamos os dois que discriminavam em ordem inversa dos demais (Vide Anexo 2).

A escala de Familismo de Gouveia também foi incluída no questionário (vide Anexo 3), bem como outros itens do trabalho da referida autora que faziam referência a Modernismo e Tradicionalismo (Vide Anexo 4).



Destes itens, em número de 13, excluimos o último: "Para ser uma boa mãe, a mulher precisa de algum conhecimento ou orientação em psicologia infantil" porque a questão já constava em outra parte do questionário. Alteramos a questão nº 12: "O marido deve ajudar sua esposa cuidar dos filhos" para "O marido deve ajudar sua esposa nos serviços domésticos", por ser mais abrangente.

Os itens sobre Tradicionalismo, extraídos da obra de Gouveia, constaram por duas vezes do nosso questionário, visando, por um lado, as opiniões do próprio informante sobre as questões propostas e, por outro, suas opiniões a respeito de como seus pais possivelmente reagiriam frente às mesmas. (Vide Anexo 4)

O nível sócio-econômico foi avaliado por intermédio da escala de categorias ocupacionais hierarquizadas do prof. Rudolf Lenhard ⁶⁾, com dados obtidos na nossa própria cidade. Esta escala consta de 7 categorias urbanas e 5 rurais (vide Anexo 5).

Para que fôssemos coerentes com a visão macroscópica que pretendíamos imprimir ao trabalho, decidimos agrupar estas categorias em apenas três:

Nível 1: Camada alta, formada pelas ocupações intelectuais e dirigentes, ocupações comerciais e de chefia, ocupações técnicas de nível médio e burocráticas;

Nível 2: Camada média, constituída pelos trabalhadores manuais algo qualificados, motoristas e pessoas ocupadas em vigilância e atendimento;

Nível 3: Camada baixa, incluindo os trabalhadores braçais com alguma qualificação e os não qualificados que executam trabalhos relativamente leves, bem como os



trabalhadores não qualificados que exercem atividades pesa
das ou penosas.

No caso das ocupações rurais, segundo o en
quadramento feito pelo próprio autor, temos:

Camada alta: fazendeiros;

Camada média: sitiantes e administradores
de fazenda;

Camada baixa: trabalhadores assalariados.

Esta classificação corresponde aproximada
mente às categorias A/B/C, E e F, respectivamente, da de Hutch
inson e Castaldi ⁷⁾. Preferimos a de Lenhard, porque se ba
seia em critérios objetivos, relativamente à natureza do traba
lho, permitindo que quaisquer ocupações encontradas fossem
enquadradas com o mínimo de arbítrio. Além disto, tem a vantaga
gem de ser baseada em dados colhidos na cidade, objeto do prese
nte estudo.

Notas

⁴⁾ Queríamos tomar o maior número possível de alunos em quais-
quer opções. Aquelas áreas que apresentaram poucos estudan
tes, foram excluídas, como por exemplo, as de Letras e Educa
ção (3 anos).

Nossa intenção era, também, a de conseguirmos o maior número
possível de classes na mesma escola, a fim de que fosse
facilitada a aplicação dos questionários pelos alunos da facu
lidade e também a nossa supervisão dos trabalhos.



5) Gouveia, Aparecida Joly e Havighurst, Robert J. - *Ensino Médio e Desenvolvimento*. Biblioteca de Educação, 1969

6) Lenhard, Rudolf, "Alguns dados sobre o Potencial Humano da Economia Riopretense". *Revista de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto*, nº6 (1970), pp. 7 e segs., particularmente 12 a 17.

7) Hutchinson, Bertram e Castaldi, Carlo - "A Hierarquia de Prestígio das Ocupações" em *Mobilidade e Trabalho*. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. INEP. Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1960.

III - PRIMEIROS RESULTADOS OBTIDOS COM A APLICAÇÃO
DOS QUESTIONÁRIOS

O trabalho experimental, bastante despre
tensioso, deveria se resumir na avaliação do grau de moder
nismo revelado por um grupo de adolescentes, submetidos a es
calas de modernismo individual. Reafirmamos ser um estudo
despretensioso, dada a característica pedagógica da problemá
tica proposta.

Os demais dados solicitados no questionário
deveriam funcionar como subsídios para eventuais controles.

Aplicando as escalas adaptadas por Dias e
tabulando os dados, encontramos resultados que consideramos
anômalos quando confrontados com a nossa expectativa e, prin-
cipalmente, com as afirmações até certo ponto taxativas fei
tas por Kahl.

Dado que os nossos sujeitos experimentais
eram instruídos e urbanizados, características relevantes se
gundo aquele autor, a expectativa natural seria a de encon
trarmos uma quase totalidade de modernos. Todavia, tal fato
não foi observado. A maioria de nossos sujeitos, independen
temente do sexo, classificou-se como pouco moderna ou pouco
tradicional. O número de modernos foi bastante inexpressivo,
comparado às nossas expectativas.

Os resultados a seguir apresentados mostram
esta primeira anomalia encontrada.



Tabela nº 1 - Modernismo Kahl/Dias - Grupo Feminino

<i>Modernismo</i>	<i>Totais</i>	<i>%</i>
<i>Modernos</i>	78	21,02
<i>Pouco Modernos</i>	104	28,05
<i>Pouco Tradicionais</i>	100	26,95
<i>Tradicionais</i>	89	23,98
<i>Totais</i>	371	100

Tabela nº 2 - Modernismo Kahl/Dias - Grupo Masculino

<i>Modernismo</i>	<i>Totais</i>	<i>%</i>
<i>Modernos</i>	29	21,16
<i>Pouco Modernos</i>	50	36,49
<i>Pouco Tradicionais</i>	36	26,27
<i>Tradicionais</i>	22	16,08
<i>Totais</i>	137	100

Tabela nº 3 - Modernismo Kahl/Dias - Totais para os dois se
xos.

<i>Modernismo</i>	<i>Totais</i>	<i>%</i>
<i>Modernos</i>	107	21,07
<i>Pouco Modernos</i>	154	30,31
<i>Pouco Tradicionais</i>	136	26,77
<i>Tradicionais</i>	111	21,85
<i>Totais</i>	508	100

Como se observa por estes resultados preli
minares, a maioria dos sujeitos não se revelou moderna. Este
é, para nós, um resultado bastante singular, considerando-se
as características dos sujeitos e o fato de que estamos pas
sando por um estágio de desenvolvimento social, em que é "mo
da" ser moderno, principalmente nesta faixa etária. Aliás,
como podemos notar, os rapazes apresentam maior tendência
(embora ainda assim de pequena expressão) para o polo moder



no do que as moças, o que corresponde à hipótese b- de José A. Dias (vide acima, p.15).

Também com relação à escala de Familismo de Gouveia, os dados encontrados não correspondem à linha teórica exposta pela autora. Segundo Gouveia, obediência, respeito à autoridade dos mais velhos, obrigações para com parentes etc. não mais constituem valores funcionais e, por tal motivo, são adequados para medir o Tradicionalismo (Gouveia, 1965, pp. 47 e 48).

Embora nossa expectativa fosse a de que a quase totalidade de nossos adolescentes se revelaria como moderna quando submetidos às escalas de Tradicionalismo, com relação ao Familismo a tese de Gouveia fazia esperar que ele fosse mais intenso do que o Tradicionalismo, dada a importância atribuída por aquela autora à área da família, como uma das mais resistentes à mudança.

Aplicada a escala de Familismo aos mesmos sujeitos, esperávamos, portanto, encontrar maior número de tradicionais do que os encontrados com a aplicação da escala de Tradicionalismo, dada a importância atribuída pela mencionada autora ao Familismo, como medida de Tradicionalismo. Todavia, contrariamente ao que ocorreu com a escala de Dias, a maioria revelou-se como moderna ou transicional, predominando o polo moderno, como pode ser observado nas tabelas nº 4, nº 5 e nº 6.

O Familismo, apesar dos raciocínios convincentes de Gouveia, não se mostrou uma medida adequada de Tradicionalismo.

Além disto, é singular que, com relação a esta área de valores, os rapazes revelem tendências mais acentuadas para o polo tradicional do que as moças.



Tabela nº 4 - Graus de Familismo para o grupo feminino

<i>Familismo</i>	<i>Totais</i>	<i>%</i>
<i>Modernos</i>	177	47,70
<i>Transicionais</i>	138	37,19
<i>Tradicionais</i>	56	15,11
<i>Totais</i>	371	100

Tabela nº 5 - Graus de Familismo para o grupo masculino

<i>Familismo</i>	<i>Totais</i>	<i>%</i>
<i>Modernos</i>	45	32,84
<i>Transicionais</i>	64	46,71
<i>Tradicionais</i>	28	20,45
<i>Totais</i>	137	100

Tabela nº 6 - Graus de Familismo - Totais para os dois sexos

<i>Familismo</i>	<i>Totais</i>	<i>%</i>
<i>Modernos</i>	222	43,70
<i>Transicionais</i>	202	39,76
<i>Tradicionais</i>	84	16,54
<i>Totais</i>	508	100

Discutidos os resultados a que chegamos com os alunos da Faculdade, encerrando, assim, o trabalho propriamente pedagógico, ficamos preocupados em explicar, para nós mesmos, a origem das discrepâncias encontradas, pois, ainda que o considerássemos extremamente improvável, elas poderiam ser produto de um trabalho experimental incorreto.

Paradoxalmente, como poderá ser observado pelas tabelas seguintes, não há associações significativas entre as escalas de Kahl/Dias e Gouveia, dado que podem ser



tidas como independentes, como mostram as tabelas nº 7, nº 8 e nº 9 e as provas de independência realizadas⁸⁾.

Tabela nº 7 - Modernismo Kahl/Dias X Familismo para as moças

Fami- lismo \ Moder- nismo	Modernas	Pouco Modernas	Pouco tra- dicionais	Tradicionais	Totais	%
Modernas	44	57	47	29	177	47,70
Transicionais	27	35	35	41	138	37,20
Tradicionais	7	12	18	19	56	15,10
Totais	78	104	100	89	371	100

H₀: Independência entre as duas escalas

G.L. = 6

$\chi^2_o = 10,99$

$\chi^2_c = 12,59$

H₀: N.R.

Tabela nº 8 - Modernismo Kahl/Dias X Familismo para os rapazes

Fami- lismo \ Moder- nismo	Modernos	Pouco Modernos	Pouco tra- dicionais	Tradicionais	Totais	%
Modernos	11	19	11	4	45	32,84
Transicionais	15	23	16	10	64	46,71
Tradicionais	3	8	9	8	28	20,45
Totais	29	50	36	22	137	100

H₀: Independência entre as duas escalas

G.L. = 6

$\chi^2_o = 7,52$

$\chi^2_c = 12,59$

H₀: N.R.

Tabela nº 9 - Modernismo Kahl/Dias X Familismo para o total de adolescentes

Fami- lismo \ Moder- nismo	Modernos	Pouco Modernos	Pouco tra- dicionais	Tradicionais	Totais	%
Modernos	55	76	58	33	222	43,70
Transicionais	42	58	51	51	202	39,76
Tradicionais	10	20	27	27	84	16,54
Totais	107	154	136	111	508	100



Ho: Independência entre as duas escalas

G.L. = 6

$\chi^2_o = 11,87$

$\chi^2_c = 12,59$

Ho: N.R.

Visto que entre as duas escalas não existe praticamente nenhuma associação, decidimos examinar, pormenorizadamente, apenas as escalas de Kahl, versão Dias, empregadas em nosso trabalho.

Justificamos esta escolha, em primeiro lugar, pelo pouco tempo de que dispúnhamos para um trabalho que estava se revelando bastante complexo.

Por outro lado, as escalas de Kahl, versão Dias, nos pareciam mais abrangentes do que a de Gouveia.

Considerando, por fim, como já foi aventado, que entre as duas escalas praticamente não existe nenhuma associação, torna-se evidente que as nossas argumentações a respeito das singularidades encontradas nas escalas de Kahl, versão Dias, não seriam cabíveis no caso da escala de Familismo.

Seria necessário que submetêssemos os nossos dados relacionados com a escala de Familismo à uma análise análoga a que realizamos no caso da versão de Dias das escalas de Kahl, estudo que já está programado.

IV - COMPARAÇÃO ENTRE OS NOSSOS DADOS E OS INDICA
DORES DE MODERNISMO SEGUNDO KAHL/DIAS

Voltamos a atenção, portanto, às escalas de Kahl, na versão brasileira de Dias. Entre os fatores mais importantes, Kahl considerou a instrução como poderosa influência da modernização do indivíduo. Dizia: "modernismo é mais questão de mentalidade do que de lugar; é através da escola, leitura de livros e da atenção concedida ao mundo exterior que um homem (principalmente um homem educado na classe média) pode adquirir valores modernos sem deixar o ambiente de sua cidadezinha tradicional... (...) status é fator que prevê mais do que residência" (Kahl, 1962, p. 27). A educação é tomada como índice de status: "a residência urbana eleva os graus de modernismo de indivíduos com pouca instrução, mas não influencia os graus de homens com educação secundária completa. Aparentemente, uma vez que tenha o curso secundário, o homem passa a ser classificado como *moderno*, ou por causa do que aprendeu, ou porque apenas homens modernizados permanecem na escola" (Kahl, 1962, p. 28).

Se, como afirma Kahl, é de tão grande importância a instrução para a modernização do indivíduo, que explicação daremos em consequência dos resultados por nós encontrados?

Esta pergunta tornou-se ainda mais insistentemente porque dispúnhamos de dados relativos a uma classe de Administradores Escolares, onde a totalidade dos alunos (38) era do sexo feminino e as idades cronológicas se distribuíam de acordo com a tabela seguinte:



Tabela nº 10 - Distribuição de um grupo de alunas do curso de Administradores Escolares, segundo faixas etárias:

<i>Idade</i>	<i>Totais</i>	<i>%</i>
24a.	2	5,26
De 25 a 29a.	13	34,21
De 30 a 34a.	8	21,06
De 35 a 39a.	13	34,21
De 40 a 45a.	2	5,26
<i>Total</i>	<i>38</i>	<i>100</i>

Os resultados encontrados, que constam da tabela abaixo (nº 11), mostram que a proporção de modernos é muito inferior àquela que deveria ocorrer, principalmente se considerarmos um grau de escolaridade quase universitário.

Tabela 11 - Modernismo Kahl/Dias para o grupo de alunas do curso de Administradores Escolares

<i>Modernismo</i>	<i>Totais</i>	<i>%</i>
<i>Modernos</i>	<i>10</i>	<i>26,31</i>
<i>Pouco Modernos</i>	<i>11</i>	<i>28,94</i>
<i>Pouco Tradicionais</i>	<i>13</i>	<i>34,21</i>
<i>Tradicionais</i>	<i>4</i>	<i>10,54</i>
<i>Total</i>	<i>38</i>	<i>100</i>

Ainda outra evidência foi obtida, manipulando-se os dados relativos à aplicação das escalas de Kahl numa amostra feminina de 116 estudantes universitárias do curso de Pedagogia das duas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras locais, cujas idades se distribuíam de acordo com a tabela nº 12.

Tabela nº 12 - Distribuição de um grupo de universitárias segundo faixas etárias.



<i>Idade</i>	<i>Totais</i>	<i>%</i>
<i>19a.</i>	<i>5</i>	<i>4,33</i>
<i>De 20 a 24a.</i>	<i>47</i>	<i>40,51</i>
<i>De 25 a 29a.</i>	<i>20</i>	<i>17,24</i>
<i>De 30 a 34a.</i>	<i>15</i>	<i>12,93</i>
<i>De 35 a 39a.</i>	<i>15</i>	<i>12,93</i>
<i>De 40 a 44a.</i>	<i>9</i>	<i>7,75</i>
<i>De 45 a 49a.</i>	<i>4</i>	<i>3,44</i>
<i>De 50 a 54a.</i>	<i>1</i>	<i>0,87</i>
<i>Total</i>	<i>116</i>	<i>100</i>

Considerando o elevado nível de instrução dos sujeitos, os dados da tabela abaixo mostram sensíveis discrepâncias com o que se poderia esperar, considerando-se os indicadores de modernismo de Joseph A. Kahl.

Tabela nº 13 - Modernismo Kahl/Dias para o grupo de estudantes universitárias.

<i>Modernismo</i>	<i>Ni</i>	<i>%</i>
<i>Modernos</i>	<i>37</i>	<i>31,89</i>
<i>Pouco Modernos</i>	<i>34</i>	<i>29,32</i>
<i>Pouco Tradicionais</i>	<i>33</i>	<i>28,44</i>
<i>Tradicionais</i>	<i>12</i>	<i>10,35</i>
<i>Totais</i>	<i>116</i>	<i>100</i>

As discrepâncias encontradas levaram-nos a analisar em retrospecto o nosso procedimento, a fim de que pudéssemos excluir a hipótese de um trabalho experimental in correto. Podemos afirmar que:

Os aplicadores, em número de 10, foram su ficientemente orientados e treinados para a aplicação dos



questionários.

A aplicação foi feita sob nossa supervisão direta.

As instruções foram seguidas à risca.

O tamanho da amostra era suficiente para medir o que pretendíamos.

Os sujeitos estavam suficientemente motivados e interessados para responder conscienciosamente.

As escalas utilizadas foram elaboradas por sociólogos de grande prestígio acadêmico.

Havia, de nossa parte, boa intimidade com os trabalhos de Kahl, Dias e Gouveia.

Todas estas considerações constituem fatores que não evidenciam, pelo menos à primeira vista, defeitos do trabalho experimental. Portanto, a atitude científica não mais permite rejeitar os resultados por nós alcançados.

Desta forma, dado que o trabalho experimental não pode ser rejeitado e que os resultados encontrados são claramente anômalos, passamos a examinar algumas variá-veis, como sexo do sujeito, nível sócio-econômico e grau de instrução dos pais, as quais, associadas ao grau de modernismo, poderiam, talvez, explicar as singularidades encontradas.

Quanto ao sexo, já se verificara nas tabelas nº 1, 2 e 3, não haver diferenças quanto à proporção de modernos entre moças e rapazes. Quanto ao tradicionalismo por outro lado, ele realmente mostrou-se mais frequente no grupo feminino do que no masculino, embora numa escala tão diminuta, que confirma a dúvida manifestada por Dias quanto à diferença a este respeito entre os dois sexos (Dias, 1967, pp. 69 e 70).

A mesma conclusão de Dias (o autor encon



trou maior grau de modernismo no grupo feminino de professores com 40 anos e mais de 40 do que no masculino), tirar-se-ia, aliás, dos nossos resultados com as alunas do curso de Administradores Escolares e mesmo das universitárias (tabelas nºs 11 e 13).

Aprofundando nossos estudos, fazendo tratamento estatístico, verificamos, todavia, que o grau de modernismo de nossos adolescentes não estava associado com sexo, nível sócio-econômico ou grau de instrução dos pais.

Investigando as associações entre modernismo e *nível sócio-econômico*, novamente fomos tomados de surpresa. Nesta área, também, os nossos resultados, confrontados com a linha teórica de Kahl, apresentam-se anômalos, o que pode ser observado pelas tabelas abaixo (nº 14, nº 15 e nº 16).

Tabela nº 14 - Modernismo Kahl/Dias X Nível sócio-econômico, para o grupo feminino de adolescentes.

N. S. E.	Moder- nismo	Modernos	Pouco modernos	Pouco tra dicionais	Tradicionais	Totais	%
Alta		20	22	24	15	81	21,84
Média		40	46	50	47	183	49,32
Baixa		18	36	26	27	107	28,84
Totais		78	104	100	89	371	100

H_0 : Independência entre as duas variáveis.

G.L. = 6

$\chi^2_0 = 4,98$

$\chi^2_c = 12,59$

H_0 : N.R.

Tabela nº 15 - Modernismo Kahl/Dias X Nível Sócio-econômico, para o grupo masculino de adolescentes.

N.S.E. \ Modernismo	Modernos	Pouco Modernos	Pouco tradicionais	Tradicionais	Totais	%
Alta	5	6	8	1	20	14,60
Média	20	38	19	15	92	67,15
Baixa	4	6	9	6	25	18,25
Totais	29	50	36	22	137	100

Ho: Independência entre as duas variáveis.

G.L. = 6 $\chi^2_o = 7,46$ $\chi^2_c = 12,59$ Ho: N.R.

Tabela nº 16 - Modernismo Kahl/Dias X Nível sócio-econômico, para o total de adolescentes.

N.S.E. \ Modernismo	Modernos	Pouco Modernos	Pouco tradicionais	Tradicionais	Totais	%
Alta	25	28	32	16	101	19,89
Média	60	84	69	62	275	54,13
Baixa	22	42	35	33	132	25,98
Totais	107	160	137	104	508	100

Ho: Independência entre as duas variáveis.

G.L. = 6 $\chi^2_o = 6,61$ $\chi^2_c = 12,59$ Ho: N.R.

Confrontando os resultados registrados nas tabelas acima, sobre a distribuição do modernismo segundo o nível sócio-econômico das famílias de nossos informantes, com os dados teóricos das afirmações de Kahl, realmente aqueles não correspondem a estes (embora se perceba que o nível sócio-econômico tem alguma influência sobre o modernismo, esta está muito longe da suposta por Kahl). Embora não encontremos associações significativas entre as duas variáveis, paradoxalmente constatamos que, segundo Kahl, a relação entre o Modernismo e o Status sócio-econômico é um dos resultados



centrais de sua pesquisa.

Este autor afirma que "uma moderna perspectiva propaga-se através da sociedade, por via da hierarquia de classe social" (Kahl, 1968, p. 46). Apesar da importância que atribui ao local de residência, como um dos fatores que podem levar à modernização individual, este, segundo aquele autor, não influencia os homens de status mais baixo que, seja qual for a localização, tendem mais para o tradicionalismo. Por outro lado, as pessoas acima da média, independentemente da zona geográfica na qual residem, têm possibilidades de manter contato intelectual com outras, por meio da sua escolaridade, viagens constantes à metrópole, contatos com pessoas de camada elevada nas cidades grandes, leituras de jornais, revistas (tudo contribuindo para influir nas suas perspectivas modernas de vida).

Kahl usou, pois, o status sócio-econômico como um dos mais significativos dos instrumentos para medida de atitudes, afirmando que em todos os estudos sobre as diferenças de valores entre os homens, devemos manter constante o nível sócio-econômico, pois é bastante sensível a diferença entre os graus de modernismo quando consideramos a hierarquia de classe social.

Tomando agora a variável *nível de instrução dos pais*, esperávamos, de um suposto modernismo dos pais, um reflexo no grau de modernismo dos filhos. As tabelas nºs 17, 18 e 19 revelam os resultados obtidos.

Ho: Independência entre as duas variáveis.

Tabela nº 17 - Modernismo Kahl/Dias X nível de instrução dos pais para o grupo feminino de adolescentes.



Instrução dos pais \ Modernismo	Modernos	Pouco Modernos	Pouco tradicionais	Tradicionais	Totais	%
Nenhuma	4	3	8	7	22	5,95
Primária Incompleta	22	34	34	36	126	33,96
Primária Completa	20	31	27	31	109	29,38
Média Incompleta	10	14	10	8	42	11,32
Média Completa	13	17	12	3	45	12,12
Superior	9	5	9	4	27	7,27
Totais	78	104	100	89	371	100

Ho: independência entre as duas variáveis.

G. L. = 15 $\chi^2_o = 20,21$ $\chi^2_c = 25,00$ Ho: N.R.

Tabela nº 18 - Modernismo Kahl/Dias X nível de instrução dos pais para o grupo masculino.

Instrução dos pais \ Modernismo	Modernos	Pouco Modernos	Pouco tradicionais	Tradicionais	Totais	%
Nenhuma	1	2	3	5	11	8,05
Primária Incompleta	5	12	12	7	36	26,27
Primária Completa	6	15	7	6	34	24,81
Média Incompleta	4	2	3	3	12	8,77
Média Completa	8	13	9	1	31	22,62
Superior	5	6	2	0	13	9,48
Totais	29	50	36	22	137	100

Ho: independência entre as duas variáveis.

G.L. = 15 $\chi^2_o = 22,72$ $\chi^2_c = 25,00$ Ho: N.R.



Tabela nº 19 - Modernismo Kahl/Dias X nível de instrução dos pais para o total de adolescentes.

Instrução dos pais \ Moder-	nismo	Modernos	Pouco Modernos	Pouco tradicionais	Tradicionais	Totais	%
Nenhuma		5	5	11	12	33	6,50
Primária Incompleta		27	46	46	43	162	31,88
Primária Completa		26	46	34	37	143	28,14
Média Incompleta		14	16	13	11	54	10,63
Média Completa		21	30	21	4	76	14,96
Superior		14	11	11	4	40	7,89
Totais		107	154	136	111	508	100

Ho: independência entre as duas variáveis.

G.L. = 15 $\chi^2_o = 23,99$ $\chi^2_c = 25,00$ Ho: N.R.

Observando as tabelas nº 17, nº 18 e nº 19, não encontramos associações significativas entre modernismo dos filhos e nível de instrução dos pais, sendo que as duas variáveis mostraram-se independentes quando tomados os dois sexos separadamente e mesmo para o total de informantes (apesar de poder ser observada uma ligeira tendência na direção indicada).

No entanto, segundo Kahl, a educação influencia poderosamente a modernização individual, sendo que o papel da escola, como ele próprio afirma, é o de uma instituição modernizante.

Considera até mesmo que, para o indivíduo participante de uma sociedade urbanizada, mesmo uma pequena proporção de educação formal que ele tenha conseguido atingir, é suficiente para influenciar nas suas concepções de vi



da que, neste caso, seriam suficientes para provocar uma modernização de suas atitudes frente aos valores da cultura. Entretanto, como pode ser visto pelas tabelas nº 17, nº 18 e nº 19, nossos resultados não corroboram totalmente a sua linha teórica. Embora se possa notar nos dados constantes das referidas tabelas, ligeiras evidências de associações (modernismo paterno refletido no dos filhos), submetendo-se os dados por meio do método estatístico, a um tratamento mais rigoroso, verifica-se que estas evidências são apenas aparentes. A hipótese de independência posta à prova por meio do χ^2 não foi rejeitada, dado que, para 15 graus de liberdade, sendo o $\chi^2_c = 25,00$, o χ^2_o foi nas três tabelas, respectivamente: 20,21; 22,72 e 23,99.

Na medida em que independência e associação, do ponto de vista estatístico, são conceitos antitéticos, segue-se que, com um risco de 5% podemos afirmar a inexistência da associação entre os dois critérios classificadores para dados extraídos de populações análogas àquela que estamos estudando.

Nestas condições, a hipótese de independência não é rejeitada, indicando associações, mas de intensidade tão fraca que, na prática, é como se não existissem.

Postas as hipóteses à prova, elas não foram, todavia, rejeitadas, pois a ausência de associações do modernismo com as três variáveis, devem encontrar, compreensivamente, algumas explicações.

Como já é clássico nos estudos sociológicos a presença destas associações, algumas hipóteses explicativas, que não se excluem mutuamente, devem, grosso modo, ser levantadas.



Nota

- 8) José Augusto Dias, quando da realização do seu trabalho, encontrou, entre a sua escala e a de Gouveia, um grau de magnitude tão pequeno que na prática poderia ser considerado desprezível.

As escalas de Kahl, como já foi observado em secção anterior (I, 1), foram construídas com a finalidade de identificar nos sujeitos experimentais por ele tomados um conjunto de valores, atitudes e modos de agir que estivessem relacionados aos dois tipos de cultura por ele identificados: a "tradicional" e a "urbano-industrial".

Segundo o autor, a síndrome de valores por ele distinguida conseguiu captar, empiricamente, modernismo e tradicionalismo nos dois tipos de cultura.

Constrói um questionário cujos itens são agrupados em torno de cada escala representativa de uma área de valores vigentes na cultura tradicional.

Dias, em seus estudos, apresenta de forma esquemática os dois tipos ideais de sociedade segundo Kahl, especificando as áreas e os respectivos valores vigentes em cada uma. (Vide anexo nº 6)

Seleciona alguns dos itens das escalas de Kahl, compondo uma escala formada de 16 itens, tendo usado como critério de seleção a carga fatorial correspondente a cada uma das escalas.

Estes 16 itens incidem em 7 das 14 escalas de Kahl.

Apresentamos, a seguir, as escalas e o número de itens usados por Dias, na escala padronizada para o Brasil:



V - INADEQUAÇÃO DOS ITENS DAS ESCALAS DE KAHL, NA VERSÃO DE DIAS, PARA O NOSSO MEIO SÓCIO-ECONÔMICO-CULTURAL.

As escalas de Kahl, como já foi observado em secção anterior (I, 1), foram construídas com a finalidade de identificar nos sujeitos experimentais por ele tomados um conjunto de valores, atitudes e modos de agir que estivessem relacionados aos dois tipos de cultura por ele identificados: a "tradicional" e a "urbano-industrial".

Segundo o autor, a síndrome de valores por ele distinguida conseguiu captar, empiricamente, modernismo e tradicionalismo nos dois tipos de cultura.

Constrói um questionário cujos itens são agrupados em torno de cada escala representativa de uma área de valores vigentes na cultura tradicional.

Dias, em seus estudos, apresenta de forma esquemática os dois tipos ideais de sociedade segundo Kahl, especificando as áreas e os respectivos valores vigentes em cada uma. (Vide anexo nº 6)

Seleciona alguns dos itens das escalas de Kahl, compondo uma escala formada de 16 itens, tendo usado como critério de seleção a carga fatorial correspondente a cada uma das escalas.

Estes 16 itens incidem em 7 das 14 escalas de Kahl.

Apresentamos, a seguir, as escalas e o número de itens usados por Dias, na escala padronizada para o Brasil:



Ativismo.....	3
Baixa estratificação de oportunidades profissionais...	2
Baixa integração com parentes.....	3
Preferência por vida urbana.....	2
Baixa estratificação de comunidade.....	2
Confiança nas pessoas.....	2
Individualismo.....	2

Todavia, segundo Dias, dois entre os 16 ítens foram por ele reformulados para que discriminassem em sentido inverso dos demais, isto é, no sentido do Modernismo e não do Tradicionalismo. Os mesmos ligavam-se às escalas de valores referentes à "Preferência por vida urbana" e "Individualismo", tendo sido posteriormente eliminados por terem revelado inconsistências internas.

Desta forma, a escala ficou composta de 14 questões.

Para fins de nossa investigação, preferimos inicialmente conservar os 16 itens, tendo em vista que os dois eliminados por Dias nos pareciam adequados para captar o modernismo em nossos sujeitos.

As duas questões apresentavam-se assim formuladas: Ítem nº 4 — "Em geral, a vida nas grandes cidades é mais interessante, há sempre oportunidade de se conhecerem pessoas diferentes" e Ítem nº 15 — "Prefiro um emprego que me dê oportunidade de realizar um trabalho independente e meu esforço seja reconhecido".



Considerando este tipo de formulação de questões e, ainda mais, o fato de estarmos lidando com adolescentes, esperávamos que a tendência seria a de se obter, para os dois itens, a quase totalidade de repostas "concordo" que, neste caso, revelariam maior modernismo.

Ainda se levarmos em conta um certo preconceito de resposta, este preconceito seria, conforme a natureza dos sujeitos experimentais, mais tendente à aquiescência.

Também, pela própria natureza dos itens, deveríamos encontrar maior número de modernos do que de tradicionais.

Esta nova expectativa também não se concretizou.

A maioria dos adolescentes revelou-se tradicional quando submetidos às duas questões, como pode ser observado pelas tabelas seguintes:

Tabela nº 20 -

Modernismo Kahl/Dias	ni		
	Ítem nº 4		
	F	M	Totais
Tradicionais	265	81	346
Modernos	106	56	162
Totais	371	137	508

Modernismo Kahl/Dias	%		
	Ítem nº 4		
	F	M	Totais
Tradicionais	71,42	59,13	68,11
Modernos	28,58	40,87	31,89
Totais	100	100	100



Tabela nº 21 -

<i>ni</i>			
Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 15		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	321	120	441
<i>Modernos</i>	50	17	67
<i>Totais</i>	371	137	508

<i>%</i>			
Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 15		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	86,52	87,59	86,81
<i>Modernos</i>	13,48	12,41	13,19
<i>Totais</i>	100	100	100

Resultados semelhantes foram encontrados pa
ra as alunas do curso de Administradores e para as universitári-
as.

Optamos por excluir estes dois ítems da nos
sa análise para vermos se os resultados seriam diferentes. Es
te procedimento resultou no aumento da tendência para o mo
dernismo em geral, ficando entretanto muito aquém (conforme
pode ser visto pelos dados já apresentados nas Tabelas nº 1,
nº 2 e nº 3) das nossas expectativas com relação aos adoles-
centes.

Levantamos, como hipótese de trabalho, que
os ítems da escala, agora em número de 14, poderiam estar se
revelando inadequados, dada a pequena proporção de modernos
encontrada nesta área sócio-cultural por nós investigada.

Tabulando cada ítem separadamente, os re
sultados, como poderão ser vistos a seguir, parecem comprovar,
pelo menos em parte, esta hipótese.



Agrupamos os ítems (todos formulados na direção do tradicionalismo) conforme a área de valores na qual incidem. Foram igualmente agrupadas as respectivas tabelas a fim de que a observação dos resultados pudesse ser facilitada.

ESCALA DE ATIVISMO

Ítem nº 1 - Fazer planos somente traz infelicidade, porque os planos dificilmente se realizam.

Ítem nº 9 - Hoje em dia, como as coisas andam, a pessoa inteligente deve preocupar-se com o presente, sem se incomodar com o que pode acontecer amanhã.

Ítem nº 16 - Nós, brasileiros, sonhamos com grandes coisas, mas somos ineficientes quando se trata de agir.

Tabela nº 22 -

ni			
Modernismo	Ítem nº 1		
Kahl/Dias	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	196	50	246
<i>Modernos</i>	175	87	262
<i>Totais</i>	371	137	508

%			
Modernismo	Ítem nº 1		
Kahl/Dias	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	52,84	36,50	48,43
<i>Modernos</i>	47,16	63,50	51,57
<i>Totais</i>	100	100	100



Tabela nº 23 -

ni			
Modernismo	Ítem nº 9		
Kahl/Dias	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	127	40	167
<i>Modernos</i>	244	97	341
<i>Totais</i>	371	137	508

%			
Modernismo	Ítem nº 9		
Kahl/Dias	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	34,24	29,20	32,88
<i>Modernos</i>	65,76	70,80	67,12
<i>Totais</i>	100	100	100

Tabela nº 24 -

ni			
Modernismo	Ítem nº 16		
Kahl/Dias	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	128	37	165
<i>Modernos</i>	243	100	343
<i>Totais</i>	371	137	508

%			
Modernismo	Ítem nº 16		
Kahl/Dias	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	34,50	27,00	32,48
<i>Modernos</i>	65,50	73,00	67,52
<i>Totais</i>	100	100	100

Os resultados expressos nas tabelas acima



(nºs 22, 23 e 24) parecem indicar que, com relação ao total de alunos, há uma tendência mais acentuada para o polo moderno, sendo, todavia, expressivo o número de sujeitos tradicionalistas.

Tomando-se os totais parciais para cada sexo, os rapazes revelam-se mais ativistas do que as moças na Tabela nº 22 enquanto a diferença entre os sexos não é acentuada nas Tabelas nºs 23 e 24.

O fato de termos encontrado menor número de moças ativistas, quando da tabulação das respostas dadas ao ítem 1 do que nos demais, parece ser justificada pelas expectativas que as moças mantêm com relação ao casamento.

Com relação ao ítem 9 (Tabela nº 23), julgamos haver uma inadequação quanto à própria formulação da questão. Se os ítems foram elaborados na direção do tradicionalismo (com exceção daqueles de número 4 e 15), a nós está parecendo que neste caso a resposta *concordo* poderia estar revelando a direção oposta, ou seja, o modernismo. Então, se a dúvida for procedente, os resultados podem ser tidos como duvidosos.

A questão 16 foi por nós reformulada levando-se em conta, além de uma maior facilidade de compreensão pelo sujeito, uma maior adequação à cidade objeto de nosso estudo. Todavia, tivemos o cuidado de não alterar o seu conteúdo. Este ítem parece comprovar que o adolescente não admite a própria ineficiência em termos de ação e, portanto, ele é realmente moderno.

Apesar de nesta área a tendência para o modernismo ser, de um modo geral, a predominante, o número de tradicionalistas (não muito pequeno) parece dificilmente justificável, se levarmos em conta certas características lo



cais.

O tipo de diversificação econômica da nossa comunidade oferece ao jovem razoáveis possibilidades de ele mostrar sua eficiência ou independência. A atividade predominante é a comercial, por sinal bastante ativa, sendo que a industrial está em fase inicial de desenvolvimento, apresentando a cidade, predominantemente, indústrias de pequeno e médio portes.

O prestígio das profissões liberais, na medida em que se reflete nas aspirações ocupacionais, é bastante visível, enquanto o funcionalismo, embora grande e crescente, não parece atrair a imaginação do adolescente, a pesar de ser a profissão do Magistério bastante escolhida pelas moças (o que pode ser observado em pesquisas realizadas) em cidades da nossa região. 9)

ESCALA-BAIXA ESTRATIFICAÇÃO DE OPORTUNIDADES PROFISSIONAIS

Item nº 2 - A gente precisa ter boas relações com pessoas influentes para progredir na profissão.

Item nº 10 - O filho de um trabalhador não tem muita chance de chegar a ser médico, engenheiro ou advogado.

Tabela nº 25 -

ni

Modernismo Kahl/Dias	Item nº 12		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	265	94	359
<i>Modernos</i>	106	43	149
<i>Totais</i>	371	137	508

%

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 2		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	71,43	68,62	70,67
<i>Modernos</i>	28,57	31,38	29,33
<i>Totais</i>	100	100	100

Tabela nº 26 -

ni

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 10		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	80	37	117
<i>Modernos</i>	291	100	391
<i>Totais</i>	371	137	508

%

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 10		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	21,57	27,00	23,04
<i>Modernos</i>	78,43	73,00	76,96
<i>Totais</i>	100	100	100

Com relação à escala "Baixa estratificação de oportunidades profissionais", as Tabelas nº 25 e nº 26 mostram, entre si, diferenças sensíveis quanto ao grau de modernismo e de tradicionalismo evidenciado pelos sujeitos.

Tomando-se o ítem nº 2 (Tabela 25), "A gente precisa ter boas relações com pessoas influentes para progredir na profissão", podemos observar grande número de tradicionais para os dois sexos, com ligeira acentuação para o sexo feminino.



Por outro lado, com relação ao item de número 10 (Tabela nº 26) "O filho de um trabalhador não tem muta chance de chegar a ser médico, engenheiro ou advogado", os resultados revelam acentuadas tendências para o polo moderno em ambos os sexos, mas com ligeira predominância do modernismo feminino sobre o masculino.

Todavia, como vimos acima, a percentagem de modernos é baixa na tabela nº 25 e, contrariamente, alta na tabela nº 26.

Analizando o conteúdo expresso na questão número 2, "A gente precisa ter boas relações com pessoas influentes para progredir na profissão", a acentuada tendência para o tradicionalismo nos dois sexos, pode ser vista como uma peculiaridade da estrutura sócio-cultural de Rio Preto. Embora a cidade se apresente como moderna segundo dados exteriores ligados ao seu índice populacional, presença de instituições diferenciadas, sistema educacional complexo, entre outros, as relações pessoais contam muito, o que deixa alguns jovens inseguros quanto ao seu futuro ocupacional.

A predominância de modernos com relação ao item 10 para os dois sexos, pode evidenciar que o adolescente pensa menos em termos objetivos e mais em termos de aspirações. Neste caso, suas respostas talvez não revelem o verdadeiro sentido que a questão deseja ver captado, o que também pode constituir uma problemática ligada ao nosso meio sócio-cultural.

ESCALA: BAIXA INTEGRAÇÃO COM PARENTES

Item nº 3 - Quando se está procurando emprego, deve-se arran



jar um lugar perto dos pais, mesmo que isto signi
que perder uma boa oportunidade.

Item nº 5 - Se houver oportunidade de contratar um ajudante
de trabalho, sempre é melhor contratar um paren
te do que um estranho.

Item nº 11 - Quando uma pessoa está numa fase má da vida, so
mente pode contar com a ajuda de parentes.

Tabela nº 27 -

ni			
Modernismo	Item nº 3		
Kahl/Dias	F	M	Totais
Tradicionais	64	12	76
Modernos	307	125	432
Totais	371	137	508

%			
Modernismo	Item nº 3		
Kahl /Dias	F	M	Totais
Tradicionais	17,25	8,75	14,96
Modernos	82,75	91,25	85,04
Totais	100	100	100

Tabela nº 28 -

ni			
Modernismo	Item nº 5		
Kahl/Dias	F	M	Totais
Tradicionais	118	48	166
Modernos	253	89	342
Totais	371	137	508



%

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 5		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	31,80	35,03	32,67
<i>Modernos</i>	68,20	64,97	67,33
<i>Totais</i>	100	100	100

Tabela nº 29 -

ni

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 11		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	39	20	59
<i>Modernos</i>	332	117	449
<i>Totais</i>	371	137	508

%

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 11		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	10,52	14,60	11,62
<i>Modernos</i>	89,48	85,40	88,38
<i>Totais</i>	100	100	100

Observando-se as Tabelas nº 27, nº 28 e nº 29, elas parecem mostrar que, de um modo geral, rapazes e moças são bem mais modernos do que tradicionais.

Apesar de os três itens estarem se revelando significativos para captar o modernismo dos adolescentes, o ítem nº 5 (Tabela nº 28) "Se houver oportunidade de contratar um ajudante de trabalho, sempre é melhor contratar um parente do que um estranho" é o que apresenta maior número de sujeitos no polo tradicional e isto parece revelar que, com



relação à área do trabalho, o adolescente tende a aderir mais aos valores ligados à família.

A percentagem maior de modernismo captada nesta área parece revelar que nossos jovens aspiram tornar-se cada vez mais livres do envolvimento familiar. Todavia, seriam necessários estudos mais profundos sobre o assunto, já que a área da família tem sido com frequência concebida, na literatura sociológica, como uma das que se mostram mais resistentes à mudança sócio-cultural.

ESCALA: BAIXA ESTRATIFICAÇÃO DE COMUNIDADE

Ítem nº 6 - O controle desta cidade está nas mãos de um pequeno grupo de pessoas e um cidadão comum não tem muita influência.

Ítem nº 13 - Esta cidade não é um lugar muito simpático. A gente só pode fazer amizade com pessoas do mesmo tipo que o nosso.

Tabela nº 30 -

ni

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 6		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	182	68	250
<i>Modernos</i>	189	69	258
<i>Totais</i>	371	137	508



%

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 6		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	49,05	49,64	49,22
<i>Modernos</i>	50,95	50,36	50,78
<i>Totais</i>	100	100	100

Tabela nº 31 -

ni

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 13		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	97	32	129
<i>Modernos</i>	274	105	379
<i>Totais</i>	371	137	508

%

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 13		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	26,15	23,36	25,40
<i>Modernos</i>	73,85	76,64	74,60
<i>Totais</i>	100	100	100

Nesta área de valores, o modernismo parece predominar sobre o tradicionalismo.

Quando se toma cada Tabela separadamente, podemos observar que, com relação ao ítem nº 6 (Tabela nº 30), "O controle desta cidade está nas mãos de um pequeno grupo de pessoas e um cidadão comum não tem muita influência", rapazes e moças mostram-se tão modernos quanto tradicionais.

Todavia, para o ítem nº 13 (Tabela nº 31), "Esta cidade não é um lugar muito simpático. A gente só pode fazer amizade com pessoas do mesmo tipo que o nosso", o to



tal de adolescentes mostra acentuada tendência para o modernismo.

Novamente somos levados a pensar que as duas questões não são adequadas para medir o mesmo traço.

Tomando a questão nº 13 (Tabela nº 31), a grande percentagem de modernos pode não refletir fidedignidade. O resultado pode estar se revelando viciado, pelo fato de o adolescente sentir-se bem residindo nesta cidade. Julgamos que a cidade é atraente ao jovem. A existência de associações recreativas e esportivas em larga escala, Casa de Cultura, Teatro Municipal, vários cinemas servem para que o mesmo consiga satisfazer as necessidades de ordem interior e mesmo fugir à vigilância constante da família. E isto pode, de fato, tornar a cidade mais agradável.

Por outro lado, julgamos que o mesmo ítem apresenta-se inadequado quanto à formulação, pois nos parece muito vago o sentido que o jovem pode atribuir à palavra "tipo". Teria Kahl pretendido que a palavra estivesse ligada ao mesmo tipo de personalidade, mesmo nível sócio-econômico, mesmo grau de escolaridade ou interesses semelhantes?

Finalmente, esta questão parece poder ser bipartida e, neste caso, o adolescente não sabe bem a que responder, ou seja, se atender à primeira parte: "Esta cidade não é um lugar muito simpático"; ou: "a gente só pode fazer a mizade com pessoas do mesmo tipo que o nosso".

Quanto ao ítem nº 6, o caráter possivelmente aleatório das respostas pode indicar falta de participação do jovem na política municipal.

ESCALA : CONFIANÇA NAS PESSOAS



Ítem nº 7 - Não é bom deixar seus amigos saberem tudo a respeito de sua vida, pois eles podem tirar proveito de você.

Ítem nº 14 - A maior parte das pessoas retribuirá sua amizade com ingratidão.

Tabela nº 32 -

ni

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 7		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	192	74	266
<i>Modernos</i>	179	63	242
<i>Totais</i>	371	137	508

%

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 7		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	51,75	54,02	52,36
<i>Modernos</i>	48,25	45,98	47,64
<i>Totais</i>	100	100	100

Tabela nº 33 -

ni

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 14		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	121	32	153
<i>Modernos</i>	250	105	355
<i>Totais</i>	371	137	508



Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 14		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	32,62	23,35	30,12
<i>Modernos</i>	67,38	76,65	69,88
<i>Totais</i>	100	100	100

Os adolescentes mostram-se . ligeiramente mais tradicionais do que modernos com relação a esta área, quando consideramos o total de respostas dadas ao ítem nº 7 (Tabela nº 32) sendo que, comparativamente ao sexo masculino, as moças tendem ligeiramente para um maior grau de modernismo.

Entretanto, analisando a Tabela nº 33, quanto às respostas dadas ao ítem nº 14, "A maior parte das pessoas retribuirá sua amizade com ingratidão", a tendência dos dois sexos é para o polo moderno e de maneira acentuada, sendo pouco maior para o sexo masculino. Isto poderia ser esperado, levando-se em conta que os rapazes mostraram-se um pouco mais ativistas do que as moças, sendo então menos fatalistas.

É interessante notar a diferença evidenciada por meio da percentagem de modernos ou tradicionais para os dois ítems, já que no seu conteúdo eles parecem indicar a mesma coisa.

Neste caso, pode ser considerada a obsolescência dos mesmos para medir o traço desejado, para a cidade de São José do Rio Preto.

ESCALA : INDIVIDUALISMO



Ítem nº 8 - Para ser feliz, a gente deve se comportar como os outros desejam, mesmo que para isto seja preciso não manifestar as próprias idéias.

Tabela nº 34 -

ni

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 8		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	61	17	78
<i>Modernos</i>	310	120	430
<i>Totais</i>	371	137	508

§

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 8		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	16,45	12,40	15,35
<i>Modernos</i>	83,55	87,60	84,65
<i>Totais</i>	100	100	100

Nesta área de valores, os adolescentes a apresentam-se, em sua grande maioria, mais modernos que tradi- cionais. Os rapazes, embora ligeiramente, mostram-se mais mo- dernistas do que as moças.

Levando-se em conta as características de nossos sujeitos, os resultados não nos surpreendem.

Todavia, será que apenas um ítem, e da for- ma como foi formulado, é suficiente para captar um dos mais relevantes indicadores de modernismo individual?

Nossa dúvida parece ser em parte justifica- da, se nos voltarmos para o ítem 15, por nós eliminado do conjunto, (Tabela nº 21) — "Prefiro um emprego que me dê o



oportunidade de realizar um trabalho independente e que meu esforço seja reconhecido".

Este item foi o que obteve maior número de respostas no polo tradicional. A explicação não poderia ser dada em termos de peculiaridades locais, pois a cidade parece oferecer um número grande de oportunidades para a realização de um trabalho independente. Por outro lado o nosso jovem parece revelar certa desconfiança quanto ao reconhecimento do próprio esforço, já que é bastante evidente a influência das relações pessoais nesta cidade.

Resta ainda a consideração de que os dois itens são bastante diferentes quanto ao conteúdo que expressam, o que pode sugerir que não estejam medindo o mesmo traço.

O item nº 8, "Para ser feliz, a gente deve se comportar como os outros desejam, mesmo que para isto seja preciso não manifestar as próprias idéias", pela quantidade de respostas no polo moderno, parece constituir evidência de que o jovem deseja livrar-se dos envolvimento pessoais e agir com maior independência.

Todavia, para o item 15, "Prefiro um emprego que me dê oportunidade de um trabalho independente e meu esforço seja reconhecido", o grande número de respostas tradicionalistas parece indicar uma certa dúvida quanto às possibilidades deste não envolvimento pessoal.

A justificativa encontra-se no próprio meio estudado e revela, neste caso, também uma inadequação das questões.

ESCALA : PREFERÊNCIA POR VIDA URBANA



Ítem nº 12 - As pessoas nas grandes cidades são frias e fe
chadas, é difícil fazer novos amigos.

Tabela nº 35 -

ni

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 12		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	153	65	218
<i>Modernos</i>	218	72	290
<i>Totais</i>	371	137	508

%

Modernismo Kahl/Dias	Ítem nº 12		
	F	M	Totais
<i>Tradicionais</i>	41,24	47,45	42,92
<i>Modernos</i>	58,76	52,55	57,08
<i>Totais</i>	100	100	100

Sobre "Preferência por vida urbana", o i
tem nº 12 sensibiliza os sujeitos ligeiramente na direção do
modernismo. O número de tradicionais é bastante elevado e
pouco mais acentuado entre os rapazes do que entre as moças.
Este fato parece estranho, considerando que nossos sujeitos
são urbanizados e muito mais ainda que, apesar da pequena di
ferença, as moças mostrem-se mais urbanitas do que os rapa-
zes.

Por outro lado, Rio Preto pode ser consider
rada como cidade "grande", mas está longe de ser uma metrôpol
le. Neste caso, para o nosso meio, a questão pode ser consid
erada inadequada. É muito fácil fazer amizade nesta cidade.

Resta ainda a consideração sobre a valida
de da problemática nesta área. De um lado, a existência de



apenas um item para a captação do modernismo ou do tradicionalismo; de outro, o fato de que a mesma área, quando medida por outro item (nº 4, Tabela nº 20) revelou maior índice de tradicionalismo. Se observarmos os dois itens, vemos que eles apresentam o mesmo conteúdo, apenas invertendo a tendência para o modernismo ou o tradicionalismo (e isto em nada prejudica a resposta, desde que as notas sejam também invertidas).

Com relação ao item nº 12, "As pessoas nas grandes cidades são frias e fechadas; é difícil fazer novos amigos", os adolescentes provavelmente pensam numa cidade maior do que a nossa. Afinal, nesta fase de estudos (3º ano colegial), muitos desenvolvem uma certa expectativa para com a vida nas cidades "grandes" pelo fato de aspirarem fazer um curso superior em outra localidade.

Os resultados, grosso modo, parecem constituir evidências em favor da hipótese por nós proposta, segundo a qual, os itens das escalas de Kahl na versão de Dias poderiam estar se revelando inadequados para medir tradicionalismo e modernismo em nossos sujeitos.

A hipótese original de Kahl era a de que as 14 escalas selecionadas para caracterizar os dois tipos de cultura, a tradicional e a urbano-industrial, eram todos os aspectos da síndrome central de modernismo-tradicionalismo, embora não estivessem totalmente correlacionadas ao ponto de impedir alguma variabilidade. Todavia, acentua que "a análise teórica sugere que um homem procura consistência na sua concepção subjetiva da vida, combinando suas percepções existenciais da realidade com suas normas de comportamento" (Kahl,



1962, p. 26). E, "na medida em que um homem é superior em alguma coisa, será também superior em outras embora haja possibilidade para variação" (Kahl, 1962, p. 21).

Baseados nestas afirmativas esperávamos encontrar maior consistência, entre os ítems, do que realmente ocorreu.

Neste caso, as inadequações observadas poderiam ser explicadas por três fatores tomados isoladamente ou em conjunto: particularidades da estrutura sócio-cultural de São José do Rio Preto; inadequação devida à aparente obsolência de alguns ítems e inadequação quanto à formulação das questões no que se refere à forma e ao conteúdo que expressam.

1- *Particularidades da sociedade local*

Segundo Kahl, os fatores mais gerais que podem determinar o modernismo cultural são: o tamanho da cidade, a residência urbana, a complexidade do sistema educacional e de comunicação, a divisão do trabalho, a mobilidade social.

Se tomarmos São José do Rio Preto do ponto de vista destes correlatos, julgamos poder caracterizá-la como cidade moderna.

Pode ser considerada "grande", com relação a sua população, e urbanizada. Apresenta complexidade quanto ao seu sistema educacional, expressivo quanto a sua diversidade em níveis e mesmo dentro de cada nível.

O sistema de comunicações também é complexo, havendo grande movimento de viagens, facilidades de transporte local; rádios, 4 jornais e um canal de televisão locais. Há ampla disponibilidade de jornais de fora.

A divisão do trabalho é menos complexa do



que nas metrópoles mas, assim mesmo, é maior do que a diversificação do preparo profissional.

Todavía, o crescimento cultural de Rio Preto tem sofrido maior aceleração nos últimos anos, o que pode implicar certas características sui generis.

Apesar de ser considerada como a cidade mais importante da região, sendo mesmo denominada Capital Regional da Alta Araraquarense, não tem vida de Metrôpole.

Se o estilo de vida da população (pelo menos em alguns aspectos) não tem conseguido acompanhar o deseenvolvimento sócio-cultural da cidade, é natural que alguns dos ítens da escala não estejam sendo adequados para captar modernismo em nossos sujeitos, como pôde ser observado quando os ítens foram analisados isoladamente ou segundo cada área de valores.

2- Inadequações pela obsolência (aparente) de certas questões

Considerando que as escalas e os respectivos ítens formulados por Kahl foram extraídos de respostas dadas a um questionário aplicado em 1960, portanto há quase 12 anos da nossa aplicação, fenômenos de mudança sócio-cultural podem tê-la tornado inadequada para o nosso tempo.

Questões que mediam Modernismo ou Tradicionalismo podem já não o fazer, o que nos faz pensar que determinados valores tradicionais possam ter sido deixados de lado, sendo substituídos por outros, sem que o indivíduo com mentalidade tradicionalista deixasse necessariamente de ser tradicional. Isto é, o que media tradicionalismo já não mede, outros seriam os valores que incidem nesta área.



3- Inadequações quanto à forma e conteúdo expresso nos itens

Também a inadequação dos itens da escala po de ser observada dadas as transformações de ordem sócio-cul tural pela qual passam as sociedades em rápido processo de mudança, pela sua forma (linguagem) e pelo próprio conteúdo que expressam.

Alguns dos itens apresentam na sua formula ção um padrão dicotômico, o que dificulta sensivelmente o in formante a dar sua resposta (aliás, isto foi observado por grande parte dos alunos após terem respondido ao questionári o), podendo ter forçado as respostas na direção do tradicio nalismo. Citamos, como exemplo, o item 13, "Esta cidade não é um lugar muito simpático. A gente só pode fazer amizades com pessoas do mesmo tipo que o nosso"; e o de número 7, "Não é bom deixar seus amigos saberem tudo a respeito de sua vida, pois eles podem tirar proveito de você".

Por outro lado, o sentido expresso pelas palavras contidas no próprio item parece ser algumas vezes inadequado para captar modernismo ou tradicionalismo. Sali entamos mais uma vez o item 9, "Hoje em dia, como as coisas andam, a pessoa inteligente deve preocupar-se com o presen te, sem se incomodar com o que pode acontecer amanhã". Para nós, a questão parece indicar que a resposta *concordo*, con trariamente ao desejado por Kahl, estaria caracterizando o sujeito como moderno.

Encontramos em algumas das áreas de valo res da escala, itens que apesar de estarem agrupados, pare cem não estar sendo adequados para medir o mesmo valor. É o caso dos itens 6 e 13, selecionados para medir baixa estrati ficação de comunidade (vide Tabelas nº 30 e 31) e das ques



tões 2 e 10 (vide Tabelas nºs 25 e 26) referentes à baixa estratificação de oportunidades profissionais.

Conforme o exposto, os itens da escala parecem inadequados para medir Modernismo e Tradicionalismo nos nossos sujeitos experimentais.

Notas

9) Lenhard, Rudolf e Amaral, Heloísa Spínola - "Aspirações profissionais de ginásianos em Fernandópolis" *Rev. Ciência e Cultura*, Vol. 20 nº 2 pp. 273-274.

Lenhard, Rudolf e Silveira, Maria Luiza "Desejos profissionais de ginásianos em São José do Rio Preto" *Rev. Ciência e Cultura*, Vol. 20 nº 2 p. 274.



VI - INADEQUAÇÕES DA PADRONIZAÇÃO QUARTILHAR

A escala adaptada de Dias não conseguiu diagnosticar em nossos sujeitos experimentais o modernismo no grau por nós esperado, o que é singular, se levarmos em conta os traços da cultura e as características dos indivíduos com os quais estávamos lidando.

A secção anterior objetivou mostrar que os ítems das escalas de Kahl na versão brasileira de Dias poderiam estar se revelando inadequados para captar o modernismo e o tradicionalismo entre os nossos informantes nesta área sócio-cultural de São José do Rio Preto.

Todavia, a investigação que nos levou a tomar cada área de valores e cada ítem em separado levantou uma nova problemática que, de início, não fazia parte de nossas cogitações.

Quando se observam os resultados obtidos para o conjunto dos ítems, comparativamente àqueles que podem ser vistos por meio das tabelas construídas para cada questão isoladamente (ou mesmo quando agrupadas para cada área de valores), a dúvida é levantada. Com raras exceções, podemos afirmar que o grau de modernismo aumenta para cada ítem ou para cada área de valores isoladamente, isto é, quando desmanchamos a "síndrome" (Tabelas de números 22 a 35) e diminuí quando se tomam os resultados no seu conjunto (Tabelas de números 1, 2 e 3).

Encontrar uma justificativa para esta as sincronia passou a ser para nós, neste momento, um objetivo



prioritário.

Levantamos como hipótese explicativa que havia uma inadequação da escala e que esta inadequação poderia ser devida à padronização quartilhar, procedimento usado por Kahl e por Dias.

Kahl selecionou uma série de itens para compor o seu questionário. Para cada um dos protocolos a avaliação dos itens foi feita, segundo o autor, contando-se o número de respostas: concordo bastante; concordo pouco; discordo pouco; discordo bastante.

Foram atribuídos pontos a cada uma destas categorias de acordo com a distribuição abaixo (Kahl, 1962, p. 25):

Concordo bastante..... (4)

Concordo um pouco..... (3)

Discordo um pouco (2)

Discordo bastante..... (1)

Os itens foram elaborados na direção do tradicionalismo e a ordem decrescente das notas aponta a tendência para o polo oposto.

A nota total para cada protocolo representa a soma dos pontos atribuídos a cada item, segundo a resposta dada pelo informante.

Em seguida, o autor procedeu a uma padronização por intermédio dos quartis da distribuição de todas as notas correspondentes ao trabalho de campo executado por meio de uma pesquisa prévia, empregando amostras convenientemente selecionadas. Com base nos quartis, construiu as quatro categorias: modernos, pouco modernos, pouco tradicionais, tradicionais.



Portanto, do exposto poder-se-ia estabelecer uma definição operacional de modernismo, dizendo: É moderno o sujeito que, depois de submetido às escalas de Tradicionalismo, tenha alcançado uma nota inferior ao primeiro quartil da distribuição. Analogamente poderíamos dizer que é tradicional o sujeito que, depois de submetido às escalas de Tradicionalismo, tenha alcançado uma nota superior ao terceiro quartil da distribuição.

Desta forma, tomando por base o trabalho de Kahl, tudo parece indicar que os quartis serão sempre ajustados às comunidades onde vamos empregar as escalas. Se este for o caso, estaremos admitindo sistematicamente a existência de 25% dos sujeitos em cada categoria (modernos, pouco modernos, pouco tradicionais, tradicionais).

Este critério nos parece um tanto arbitrário. Adotando-o, vamos encontrar sempre, em todas as localidades cujas amostras tenham sido tomadas ao acaso, 25% de modernos, 25% de pouco modernos, 25% de pouco tradicionais, 25% de tradicionais.

Embora se trate de modernismo individual, a escolha dos 25% continua sendo arbitrária, pois, pelo menos em termos compreensivos, já foi dada uma definição de modernismo e desta definição não decorre, necessariamente, que deva haver 25% de sujeitos em cada categoria e em todas as comunidades.

Temos para nós que não podíamos ter usado o procedimento recomendado por Dias, na escala padronizada para o Brasil. Deveríamos ter usado uma padronização nossa.

Entretanto, dado que nossa amostra era altamente diferenciada da população total do município, essa padronização não pôde ser realizada. Aliás, nem mesmo nos o



correu pois, pela descrição de Dias, este trabalho prévio parecia ser totalmente desnecessário.

Talvez os resultados fossem mais adequados e corretos se, anteriormente à padronização estatística, realizássemos estudos de caso em profundidade numa amostra razoavelmente grande e representativa de toda a comunidade. Estas poderiam ser realizadas por meio de entrevistas que nos ajudassem a uma maior compreensão do fenômeno nos casos individuais, a fim de podermos captar o Modernismo individual em sua singularidade.

Todavia, os estudos que poderiam validar ou invalidar esta forma de abordagem (estudos de caso) ainda estão por serem feitos.

VII - INADEQUAÇÕES DO EMPREGO DOS TIPOS-IDEAIS

Uma hipótese foi anteriormente levantada (inadequação dos ítems das escalas de Kahl) com a finalidade de investigar cada ítem da escala padronizada por Dias e suas possíveis inadequações ao nosso meio sócio-cultural.

Todavia, estas possíveis inadequações dos ítems originariamente formulados por Kahl não foram por nós comprovadas. O máximo que fizemos foi tecer considerações sobre algumas "evidências" (Obsolência da questão, a forma como foi elaborada ou o conteúdo que visava expressar), o que não foi suficiente para comprovar ou rejeitar a hipótese e que, aliás, não era nossa intenção naquela altura do trabalho.

Retomando a mesma linha de pensamento, perguntamos: seriam realmente os ítems elaborados por Kahl adequados para captar modernismo e tradicionalismo em qualquer tipo de sociedade, mesmo que se usasse outro procedimento estatístico que não o da padronização quartilhar?

Por outro lado, a "síndrome" de valores tradicionais e modernos por ele postulada seria adequada para caracterizar os dois tipos-ideais de cultura por ele construídos?

O próprio autor afirma "que os tipos ideais da literatura sociológica foram confirmados pela análise estatística" (Kahl, 1962, p. 25) por ele realizada (análise fatorial).

Todavia, em Kahl, acreditamos ter encontrado uma colocação incorreta da problemática ligada aos tipos-



ideais. O autor afirma que "Sociedade tradicional" e "Sociedade moderna" são abstrações, construções mentais que criam modelos simplificados a fim de nos auxiliar a entender os fatos centrais que explicam as complexidades da realidade histórica. Eles são *tipos-ideais*, nos quais um número limitado de características em forma *pura*, são usadas para desenvolver o modelo teórico" (Kahl, 1968, p. 4).

Neste trecho, o autor parece confundir conceitos com tipos ideais.

Uma formulação precisa do significado da expressão *tipo-ideal* encontramos em Florestan Fernandes¹⁰⁾, quando cita o próprio Max Weber: "Um tipo ideal é formado pela acentuação unilateral de um ou mais pontos de vista e pela síntese de um grande número de fenômenos *concretos indivi*duais difusos, discretos, mais ou menos presentes e ocasionalmente ausentes, os quais são arranjados de acordo com os pontos de vista unilateralmente acentuados em uma construção analítica unificada. Em sua pureza conceptual, essa construção mental não pode ser encontrada na realidade em nenhuma parte. É uma *utopia*" (Fernandes, Florestan - *Fundamentos Em*piricos da Explicação Sociológica, 1959, p. 99).

Percebemos uma certa ambiguidade na afirmativa de Kahl e isto nos permite tentar, embora a título de hipótese, algumas explicações ligadas às anomalias por nós encontradas.

Na descrição do seu trabalho tudo indica que ele pretendeu realmente construir tipos ideais. As sociedades *tradicional* e *urbano industrial* foram por ele captadas compreensivamente, acentuando unilateralmente a divisão do trabalho, a tecnologia, o grau de urbanização, o sistema de estratificação social, a educação e a comunicação, e os valo



res (em termos típicos-ideais).

O seu propósito era, no entanto, o de comparar vários subgrupos da população e não o de descrever características gerais da população, segundo ele mesmo afirma.

Na passagem dos tipos-ideais para a investigação propriamente empírica, podem (os elementos não esclarecem suficientemente o assunto) ter ocorrido certas distorções que não foram (e não poderiam ter sido) corrigidas pelo aparato estatístico matemático (análise fatorial) empregado.

Os indicadores típico-ideais de Kahl poderiam ser válidos como indicadores de uma realidade concreta, mas seriam tipos ideais somente depois que tivessem sido testados em outros contextos semelhantes e que se verificasse serem adequados para esta realidade.

Em Weber há a exigência de que no processo de formação de conceitos venha a emergir uma validação encontrada na estrutura objetiva da realidade social. Só após esta fase é que Kahl poderia confrontar a realidade empírica com a realidade que pretendia investigar e, portanto, só a partir desta imagem empírica é que os questionários poderiam ser construídos. Na medida em que uma das fases foi escamoteada, tudo parece indicar que o questionário foi construído com base apenas numa pretensa descrição ideal-típica e por isso os desencontros e as anomalias até agora observadas podem ser perfeitamente explicáveis.

Em H.I. Marrou ¹¹⁾, encontramos uma idéia bem clara do procedimento de Weber na sua construção ideal-típica: trata-se de um esquema de valor relativamente geral, construído pelo historiador com elementos observados no estudo dos casos particulares, esquema orgânico de partes mutuamente dependentes (e esta organização não é arbitrária; re



pousa sobre relações estruturais extraídas da análise dos ca sos singulares).... Não é uma simples imagem genérica, redu zida só aos caracteres comuns ... Os caracteres conservados pelo *tipo-ideal* não são necessariamente aqueles que fornecem os casos mais numerosos, mas antes, aqueles que fornecem os casos mais *favoráveis*, isto é, sugerem ao historiador a no ção mais coerente, mais carregada de significações, mais in teligível" (Marrou, H.I.- *Do Conhecimento Histórico*, "O uso do Conceito", pp. 145 e 146).

Ainda, segundo o autor, o estudioso de pos se da idéia pura, volta ao concreto para melhor apreender as singularidades que por sua vez constituem os únicos casos "reais" que podem ser distinguidos.

Não encontramos na obra de Kahl procedi mento análogo ao descrito no último parágrafo.

Pelo que conseguimos apreender de seu estu do, os tipos ideais por ele construídos foram extraídos dire tamente do estudo da realidade empírica, como se fossem mode los. No entanto, quando se emprega o *tipo ideal*, procura-se captar, por meio de uma construção racional, o sentido ou as conexões de sentido observados em aspectos da realidade con creta.

Na medida em que Kahl parece não distinguir conceitos de tipos ideais é muito provável que, ao relacionar o material empírico, tenha sido influenciado pela construção *típico-ideal* a ponto de elaborar o seu questionário com base neste material.

Ora, na medida em que tal fato possa ter o corrido, não é estranho que não houvéssemos encontrado na in vestigação empírica por nós realizada o modernismo segundo Kahl, pois estaríamos procurando captar empiricamente uma u



topia.

A ocorrência de desvios no seu trabalho pode ainda ser devida ao critério estabelecido para a avaliação empírica dos conceitos teóricos por ele formulados, ou seja, o uso inadequado da análise fatorial para construção de escalas e seleção de itens (aspecto este ligado à construção dos dois tipos ideais).

Além disto não existe, no trabalho de Kahl, nenhuma investigação destinada a evidenciar a validade do instrumento.

A análise fatorial parece apenas mostrar homogeneidade entre as escalas e os itens das escalas, todavia, não há provas de que estejam medindo modernismo ou tradicionalismo. Levantamos esta interpretação apesar de Kahl afirmar que "As correlações entre escores de escalas foram estudadas e revelaram uma dimensão comum de "modernismo-tradicionalismo" que combinou perfeitamente com as predições teóricas. Este resultado é fundamental. Mostra que a síndrome do modernismo, postulada na literatura teórica, pode ser demonstrada empiricamente" (Kahl, 1968, p. 44).

Esta afirmativa parece comprovar realmente haver homogeneidade entre escalas e itens de escalas, mas não elimina o erro de origem, ou seja, o da deficiência de método quando da construção dos tipos ideais.

Perguntamos: Será que, ao retornar à pesquisa empírica ele não teria aceito o tipo ideal construído e, portanto, uma utopia, como uma descrição e caracterização empírica da realidade concreta que estava investigando?

Neste caso, parece não haver evidência empírica de validade das escalas, ou seja, de que elas meçam



almente modernismo e tradicionalismo.

Neste caso, Kahl teria trazido diretamente para o plano empírico um modelo ideal (extraído desta mesma realidade) e, portanto, nós não poderíamos, de fato, ter em contrado resultados mais aproximados aos seus.

Outra problemática que pode ser levantada é a que diz respeito ao uso das tipologias para explicar fe nômenos de transição (caso que se aplica ao uso das categorias que estamos investigando).

Podemos dizer que, em ciências sociais, o que tem sentido são as configurações de fato, na sua singularidade.

Em um estudo denominado "Sobre o conceito de Tradição", Maria Sylvia de Carvalho Franco ¹²⁾ examina o emprego das tipologias numa tentativa (como a própria autora afirma) de elucidar a noção de *tradicional*, que é oposta à de *moderno* pela sociologia do desenvolvimento.

Comentando o esquema teórico de Weber, diz que o autor, na sua tipologia de dominação salienta a tradição "como um dos princípios ordenadores que entram na constituição das formas de dominação, como fundamento ao mesmo tempo metodológico e empírico. É essa força de princípio estritamente teórico que deve ser atribuída à tradição nos esquemas weberianos, não podendo jamais ser confundida como uma orientação que isole *fatores* tradicionais, combinando-os em *sistemas* sociais determinados" (Franco, Maria Sylvia de Carvalho, op.cit.pp. 16 e 17).

A tradição aparece como um princípio teórico e não com a conotação corrente em antropologia social, de



passagem mediante o contato entre as gerações, de elementos da vida social.

A autora chama a atenção sobre a dificuldade de que é encontrada quando se pretende usar tipologias para a explicação de fenômenos em transição, à maneira como é pensado pela sociologia do desenvolvimento. Aqui, a tradição está ligada à estabilidade maior da cultura e a modernidade, à sua mudança. Neste caso, as duas figuras apresentam-se como mutuamente exclusivas, o que constitui uma das mais sérias dificuldades quanto ao seu uso como tipologias para explicar fenômenos de transição.

A dificuldade de acomodar as tipologias às teorias ligadas à transição é explicada pelo fato de não haver passagem possível entre os dois tipos.

Tradicionalismo e modernismo estão genericamente interligados. Há homogeneidade e simultaneidade entre os dois conceitos e seus componentes o que indica que o que é de um, não é exclusivo do que é de outro. " os elementos de estabilidade ou movimento histórico, frequentemente incluídos nas tentativas de formular tipos de sociedade tradicional ou moderna, aparecem inextrincavelmente ligados aos princípios que dão o feixe de significações ao conceito, sendo inexpressivos fora do conjunto assim definido" (Ibid, p. 24).

Concluindo, podemos sugerir que Kahl construiu os seus dois tipos ideais de forma defeituosa. Por tal motivo, confundiu conceitos com tipos ideais, pois não procurou (após ter construído os tipos ideais), analisar compreensivamente a própria sociedade para só depois construir itens



de um questionário. Isto pode em parte justificar nossas dúvidas quanto aos resultados que encontramos.

Na medida em que o mundo do comportamento e da cultura tenham que ser compreendidos do ponto de vista subjetivo do seu significado, não é possível, pelo menos segundo as técnicas da *sociologia compreensiva*, o uso de conceitos genéricos.

Ainda, validar suas escalas e ítems de escalas com o procedimento inadequado acima levantado, e por meio da análise fatorial, o máximo que poderia evidenciar é a interdependência entre as escalas e entre os ítems das escalas. Nunca validar o que estava pretendendo medir, ou seja, o tradicionalismo e o modernismo individuais.

Todavia, mesmo que excluíssemos estes defeitos, restaria ainda a dificuldade encontrada quando se emprega o *tipo ideal* para captar fenômenos ou categorias de fenômenos que são transitórias nos moldes da Sociologia do desenvolvimento (onde os dois tipos são mutuamente exclusivos), pois as características do *moderno* e do *tradicional* coexistem variando, dentro de uma mesma sociedade, em estágios diferentes do seu desenvolvimento.

Notas

10) Fernandes, Florestan *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*, Biblioteca Universitária, Série 2ª, Ciências Sociais, Vol. 1, 1959

11) Marrou, H. I. *Do Conhecimento Histórico*. Trad. de Ruy Be-lo, Editorial Aster, Lisboa.



- 12) Franco, Maria Sylvia de Carvalho "Sobre o Conceito de Tradição", *Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, 5, 1.^a Série
(Junho de 1972)

Em face das mudanças ocorridas na área sócio-cultural, a dicotomia "moderno-tradicional" não tem mais valor, nem descritivo, nem explicativo em relação a sociedades tomadas globalmente.

1 - O conceito de modernismo

A maneira como os estudiosos têm feito uso dos conceitos de Modernismo e Tradicionalismo indica que os mesmos podem fazer referência à estrutura cultural de uma da sociedade, ao tipo de relações sociais que se desenvolvem por meio dos processos que dirigem a vida dos indivíduos, seus componentes, e às atitudes individuais derivadas do conjunto de valores adotados pela sociedade. Em todos os casos, as duas categorias têm sido frequentemente conceituadas como opostas uma à outra.

Os dois conceitos têm sido utilizados desta forma, para distinguir as sociedades *adiantadas* das *atrasadas* ou *subdesenvolvidas*, bem como os indivíduos no contexto sócio-cultural.

Esta dicotomia básica (moderno-tradicional) tem caracterizado grande parte do trabalho dos cientistas sociais, que a adotam como instrumento de análise para distinguir tipos diferentes de sociedade.

Estes estudiosos têm sido influenciados por renomados mestres, como Tönnies, Durkheim, Redfield, Weber,



VIII - INADEQUAÇÕES DOS CONCEITOS DE MODERNISMO E TRADICIONALISMO

Em face das mudanças ocorridas na área sócio-cultural, a dicotomia "moderno-tradicional" não tem mais valor, nem descritivo, nem explicativo em relação a sociedades tomadas globalmente.

1 - O conceito de modernismo

A maneira como os estudiosos têm feito uso dos conceitos de Modernismo e Tradicionalismo indica que os mesmos podem fazer referência à estrutura cultural de uma dada sociedade, ao tipo de relações sociais que se desenvolvem por meio dos processos que dirigem a vida dos indivíduos, seus componentes, e às atitudes individuais derivadas do conjunto de valores adotados pela sociedade. Em todos os casos, as duas categorias têm sido frequentemente conceituadas como opostas uma à outra.

Os dois conceitos têm sido utilizados desta forma, para distinguir as sociedades *adiantadas* das *atrasadas* ou subdesenvolvidas, bem como os indivíduos no contexto sócio-cultural.

Esta dicotomia básica (moderno-tradicional) tem caracterizado grande parte do trabalho dos cientistas sociais, que a adotam como instrumento de análise para distinguir tipos diferentes de sociedade.

Estes estudiosos têm sido influenciados por renomados mestres, como Tönnies, Durkheim, Redfield, Weber,



Parsons, entre outros.

Individualismo Aqueles que se preocupam com o estudo das diferenças entre sociedades *atrasadas* e *adiantadas* costumam estabelecer dois feixes de indicadores (apresentados ora na qualidade de conceitos, ora na de tipos ideais) divergindo entre si, conforme a ênfase maior dada à estrutura cultural, à estrutura social ou às atitudes individuais. Há ainda aqueles que associam duas, ou até mesmo as três alternativas, tomando-as em conjunto para explicar diferenças entre tipos de sociedade (é o caso por exemplo, de Tönnies "comunidade e sociedade" e Durkheim "solidariedade mecânica e orgânica").

a parentes e amigos Os que acentuam o desenvolvimento da estrutura sócio-cultural, frequentemente citam como indicadores, entre outros, o estágio de desenvolvimento tecnológico, a urbanização, a divisão do trabalho, a estratificação social, a complexidade do sistema escolar. 13)

qualquer relação Outros pensam mais em termos de variáveis sócio-individuais que podem levar à formação de determinadas atitudes em indivíduos participantes de grupos e de sociedades, como por exemplo, secularização, individualismo, *familismo*, escolaridade, nível sócio-econômico, idade, sexo, estado civil.

Kahl também distinguiu vários componentes de modernismo individual, construindo um tipo ideal para a sociedade *tradicional* e outro para a *urbano-industrial*, segundo valores vigentes nestes dois tipos de cultura. Selecionou estes valores nas áreas relativas a:

Ocupação

Estratificação de oportunidades

Laços familiares

Preferência por vida provinciana



Desconfiança de estranhos

Individualismo

Interesse por notícias

Concluiu que um homem moderno é um ativista, um individualista, não funde sua carreira de trabalho com a dependência de parentes ou amigos, prefere vida urbana à rural e segue a massa.

Um homem tradicional mostra atitudes fatalistas com relação ao trabalho e à vida, segue de preferência a ocupação desempenhada pelo pai e acomoda-se às condições de vida, sem esforço pessoal para mudá-las. Tem grande apego a parentes e amigos; desconfia das pessoas e dos costumes da cidade grande, prefere vida provinciana; seus interesses são voltados para seu grupo mais restrito (Kahl, 1968, p. 37).

Parsons¹⁴⁾ nos oferece um sistema dicotômico de variáveis de padrão a fim de distinguir os aspectos de qualquer relação social, sendo suas formulações relevantes às mudanças sociais e tecnológicas.

Estas dicotomias são apresentadas na forma de: afetividade-neutralidade afetiva; orientação privatista-orientação coletiva; particularismo-universalismo; atribuição-aquisição; especificidade-difusão.

Segundo Parsons, cada vez que agimos e em cada papel que desempenhamos, acentuamos um ou outro aspecto da relação social, de onde podemos inferir que afetividade, orientação privatista, particularismo, atribuição, especificidade, como também neutralidade afetiva, orientação coletiva, universalismo, aquisição e difusão são características que definem o sistema de relações sociais em qualquer tipo de sociedade.

Também a dicotomia caracteriza a obra de



Germani¹⁵⁾, que distingue entre princípios básicos da estrutura social e tipos de relações sociais características em sociedades modernas e tradicionais.

Seu esquema é:

a - *Princípios básicos da estrutura social*

<i>Sociedade tradicional</i>	<i>Sociedade industrial</i>
Ação prescritiva	Ação eletiva
Institucionalização da tradição...	Institucionalização da <u>mu</u> dança
Instituições indiferenciadas.....	Diferenciação e <u>especiali</u> zação crescente das <u>insti</u> tuições.

b - *Tipos de relações sociais características*

<i>Sociedade tradicional</i>	<i>Sociedade industrial</i>
Atribuição.....	Desempenho
Particularismo.....	Universalismo
Caráter difuso.....	Especificidade
Caráter afetivo.....	Neutralidade afetiva.

Redfield, por outro lado, pôs em evidência uma tipologia de sociedade com base na presença ou ausência de caracteres da população, que ele definiu claramente: ¹⁶⁾

<i>Sociedade rural</i>	<i>Sociedade urbana</i>
Pequena, iletrada	Grande
Isolada, homogênea	Comunicação desenvolvida
Pequena divisão do trabalho	Divisão do trabalho
Produz o que é consumido	Produção para o mercado
Comportamento tradicional	Ciência
Espontânea, não crítica	Fabricação
Nenhuma ciência	Secular



Familiar

Sagrada

Mágica

Pequena Mudança

Estes e muitos outros estudiosos acentuam as características da sociedade tradicional em oposição à sociedade moderna.

A dicotomia que caracteriza a obra destes e de outros sociólogos, e que distingue sociedades modernas de sociedades tradicionais, traz subjacente a noção de um "continuum" que situa as duas categorias (moderno e tradicional) nos seus dois polos. Cada um destes polos está caracterizado por padrões culturais ou sociais, ou mesmo pelo tipo de atitudes que os indivíduos desenvolvem, segundo valores, normas e padrões de comportamento, definidos em cada um deles (diferenciando-se conforme os indicadores façam referência a modernismo sócio-cultural ou individual).

Segundo esta linha teórica, o "continuum" seria unilinear, indicando, desta forma, uma única dimensão de modernidade, situando as sociedades ou os indivíduos em um dos polos ou em posições intermediárias.

Neste caso, o "método comparativo" indicaria que tanto sociedades como indivíduos em cada ponto do "continuum" tendem a compartilhar padrões sociais e culturais, concomitantemente com padrões em valores, crenças e comportamentos individuais. 17)

Desta forma, nas sociedades em níveis de modernização mais elevados o nível médio de modernização cultural e individual tenderia a ser mais alto.



Maria Isaura Pereira de Queiróz ¹⁸⁾, nos faz ver que a idéia do "continuum" unilinear, que caracteriza a obra de alguns sociólogos, define uma concepção de homem e sociedade, em que os mesmos são vistos a progredir por pas sos definidos de evolução e que, por meio de uma complexida- de cada vez maior, deveriam chegar a um estágio final de per feição (Queiroz, 1972, pp. 43 e 44).

Kahl está entre os que adotam a noção do "continuum". Este se manifesta, no seu estudo, na forma de vários contínuos que convergem por meio da homogeneidade en contrada entre as escalas, para os dois tipos ideais por ele criados a fim de explicar a realidade sócio-individual.

2 - Críticas

Tanto a dicotomia moderno-tradicional como a noção de "continuum" unilinear têm se revelado inadequadas do ponto de vista empírico-teórico para classificar sociedades, principalmente aquelas que se encontram num ponto inter mediário entre os dois polos.

2a - A dicotomia *sociedade tradicional-sociedade moderna*

Analisando primeiramente a dicotomia com relação à sociedade tomada no seu conjunto, uma restrição de ve ser feita. Embora muitos autores tenham a ela se referido, na maioria das vezes de maneira sistemática, e pressuponham todos que a sociedade tradicional é resistente à mudança e que a moderna é sinônimo de mudança orientada, parece não ha ver (pelo já exposto) consenso sobre a definição dos dois con ceitos como são propostos por meio de correlatos ou indicado res tanto no plano sócio-cultural quanto no individual.



Por outro lado, há evidências empírico-teóricas de que os traços da cultura tradicional e da moderna coexistem na maioria das sociedades. ¹⁹⁾

Santi Priya Bose ²⁰⁾, sociólogo indú interessado na problemática com relação a estudos e pesquisas na zona rural, oferece-nos uma descrição bastante clara a respeito desta coexistência. (Bose, 1970, pp. 5 a 29)

Bose, em comentários a estudos realizados na Índia sobre as características modernas ou tradicionais de adotantes e não adotantes de práticas agrícolas aperfeiçoadas, os quais objetivavam identificar o sistema de valores de grupos de lavradores, conclui dizendo haver uma associação entre caracteres modernos e adoção, bem como entre caracteres tradicionais e não adoção.

Todavia levanta a questão sobre a existência de uma dicotomia tão clara nos conceitos de modernidade e de tradição, que possa validar a idéia de que *todos* os componentes que vão formar a modernidade sejam exclusivos de *todos* os que vão formar a tradição.

"Não se pode imaginar uma sociedade na qual atitudes e valores modernos e tradicionais sejam harmonizados?" (Bose, 1970, p. 6).

Acentua que mesmo que os modelos dicotômicos, como são conceituados por estudiosos renomados, sejam válidos, não seria de se estranhar que os dados de campo, levantados em alguns trabalhos, trouxessem resultados que não combinam ou não correspondem a tais modelos. Existe tanta variedade na cultura e nos padrões de comportamento institucionalizados de várias sociedades, que esta ocorrência seria normal.

O próprio autor desenvolve um trabalho por



meio do qual pretende descobrir se alguns lavradores poderi
am ser identificados como tendo características urbanas ou
rurais e se as pessoas com características urbanas adotavam
mais inovações do que aquelas com características tradicio
nais.

Seu estudo foi baseado na noção da série
"continuum rural-urbano" de Redfield.

Esperava mostrar que algumas pessoas con
sideradas "urbanas" em seus sistemas de valores e em suas a
titudes teriam mentalidade de mercado, atitude favorável pa
ra com a ciência e demonstrariam certo grau de racionalidade.

Por outro lado, os tradicionais seriam pro
fundamente religiosos, fatalistas e teriam fortemente desen
volvidos os sentimentos familiares.

Chegou à conclusão no seu trabalho de que
existem tipos urbanos distintos, mas que, na cultura indú, o
familismo encontra-se à parte. Cada um é familístico, inde
pendentemente de ser uma pessoa moderna ou tradicional.

Segundo Bose, isto não indica que a socie-
dade da Índia não esteja caminhando para um estágio desejável
de urbanização, mas que, apesar disto e sem que aí esteja im
plícita qualquer contradição, o país conserva seu caráter
proeminentemente rural. O povo é familístico mesmo quando é
muito moderno com relação a outros valores. Neste caso, o pa
drão de familismo falha, quando da medida do grau de moder
nismo individual.

Outros estudos que mereceram comentários de
Bose mostram que as características que influem na adoção, em
nível de aldeia, de práticas agrícolas aperfeiçoadas, consis
tem num conjunto de indicadores tradicionais e modernos.

Indicam, por exemplo, que o desenvolvimen-



to institucional elevado no contexto indiano não está inter correlacionado com o nível de adoção de inovações agrícolas. Ao contrário, o desenvolvimento institucional da aldeia leva o povo, não raro, a se afastar da agricultura e a desinteressar-se em modernizá-la.

Aldeias onde podem ser encontrados Centro de Saúde, Biblioteca, Correio, Escolas Secundárias, entre ou tros traços exteriores de urbanização, têm mostrado que sua produção agrícola está em baixo nível.

Por outro lado, aldeias onde as instituições são indiferenciadas mostram elevada produção agrícola e adotam inovações em grande escala.

Todavia, nem mesmo a adoção de inovações es tá, segundo Bose, correlacionada com fatores sócio-culturais, como educação, status sócio-econômico, contato com agentes de difusão de conhecimentos.

Não encontrou, da mesma forma, relação en tre eficiência do trabalho e adoção, afirmando que na Índia o lavrador inova, muitas vezes, mais para aprovação social do que visando lucro.

Estas e outras idéias extraídas do traba lho de Bose parecem constituir evidências em favor da críti ca que fazemos à dicotomia na medida em que esta pareça es tar fazendo referência a dois sistemas exclusivos, de um la do o modernismo e de outro o tradicionalismo.

É inegável que existem, em quaisquer cultu ras, áreas de maior ou menor resistência às inovações e, nes te caso, nem sempre a tradição pode ser considerada como fa tor inibidor do desenvolvimento ²¹⁾ (em Bose encontramos a consideração de que o fatalismo na Índia não inibe o desenvol vimento econômico) mas, ao contrário, pode servir de estímulo



lo a sua adoção (Bose, 1970, pp. 20 e 21).

A aplicação de indicadores em forma de conceitos (como fez Kahl) poderia servir para localizar essas áreas de resistência, mas não seriam suficientes para uma interpretação compreensiva (como já foi indicado por meio dos comentários feitos sobre a construção ideal-típica) das singularidades captadas.

Desta forma, os resultados a que chegamos por intermédio da nossa investigação empírica podem ser devididos à própria inadequação do conceito de *modernismo* e de *tra*d*d*icionalismo em termos de dicotomias exclusivas de um ou outro tipo de sociedade.

A dicotomia, quando aplicada com este sentido, e a sociedades globais, salientando sempre um dos polos por meio de indicadores ou correlatos, não leva em consideração todos os padrões sócio-culturais envolvidos no processo.

2b - Crítica à noção de "continuum unilinear"

A idéia de um "continuum" unilinear que distribui Modernismo e Tradicionalismo sócio-cultural e individual parece não ser adequada para explicar as possíveis variações intra-culturais ou individuais.

Isto dificulta em grande parte a apreensão do moderno e do tradicional como conceitos explicativos ou descritivos de uma dada realidade cultural e mesmo das atitudes dos indivíduos perante valores da cultura.

A noção de "continuum" baseia-se no processo de mudança sócio-cultural. Todavia a teoria da mudança não implica a unilinearidade do "continuum" dado que as di



ferentes áreas sócio-culturais não se modificam concomitantemente. E isto, naturalmente, sensibiliza os indivíduos, o que pode significar que mesmo o modernismo individual pode variar em condições sócio-culturais semelhantes, pelas oportunidades segundo as quais os indivíduos são mais expostos, ou menos, às influências de umas ou de outras áreas culturais.

Como se sabe, a mudança sócio-cultural ocorre em qualquer sociedade ou grupo de indivíduos, sendo, todavia, descontínua. Afeta, numa descontinuidade temporal, tanto sociedades diferentes como diferentes setores de uma mesma sociedade. Apesar de ser considerado um processo global afeta, em ritmos diferentes, instituições e valores existentes num mesmo agrupamento. Qualquer que seja o método adotado ou a interpretação teórica quanto ao estudo e investigação de determinada cultura sob o prisma da mudança, parece haver acordo quanto a estas características acentuadas.

Desta forma, um estudo sobre modernismo e tradicionalismo não pode prescindir de uma fundamentação teórica no processo de mudança, não apenas como um processo capaz de introduzir inovações na cultura, mas capaz de levar à interiorização de valores individuais com ela compatíveis.

E, se associarmos o grau de modernismo e de tradicionalismo individuais a fenômenos de mudança sócio-cultural, podemos a priori afirmar que, quanto mais estável for uma sociedade com relação ao desenvolvimento de seus traços de cultura, e quanto mais simples forem as relações que se processam no seu interior, maior será o grau de tradicionalismo por ela evidenciado e também pelos indivíduos, seus componentes.

Todavia, o grau de modernização não está caracterizado apenas pela mudança permanente, mas, sim, pe-



lo grau em que a mudança é institucionalizada e em que isto possa refletir nas atitudes dos indivíduos que convivem num determinado tipo de sociedade (Germani, 1969, p. 21).

Isto evidencia as sérias dificuldades pe las quais passam algumas sociedades em processo de mudança muito rápido, enfrentando problemas quanto à institucionalização de padrões ideais de comportamento e aquisição de ati tudes por seus membros, no que diz respeito a algumas áreas da cultura em que se observa constante e rápida substituição dos mesmos.

Este fato (a ser comentado em parte poste rior do trabalho) pode resultar na formação de atitudes de certo modo incongruentes com o de desenvolvimento institucio nal, gerando anomias de comportamento em indivíduos ou gru pos de indivíduos.

Associando a noção do "continuum" ao pro cesso de mudança somos levados a considerar que a descontinu idade de tal processo não pode ser congruente com a existên cia de um "continuum" unilinear, e nem mesmo com a dicotomia moderno-tradicional que constitui os seus dois polos, quando se considera a sociedade global.

Pois, se a dicotomia pode envolver a noção do "continuum" unilinear e se este, por seu lado, se funda menta no processo de mudança que leva à modernização, em que estágio de desenvolvimento pode uma sociedade ser chamada mo derna se o processo de mudança é descontínuo e desigual?

Se o processo de mudança afeta mais alguns setores da sociedade do que outros, podemos afirmar não exis tir uma sociedade que se desenvolva no sentido paralelo e proporcional entre todas as suas áreas, e, se isto aconteces se, poderia significar, num dado momento, a extinção do tra



dicionarismo com o desaparecimento dos portadores dos traços culturais antigos.

Por estes motivos, não podemos aceitar a noção de um "continuum" unilinear que situe uma sociedade e os indivíduos em algum ponto de sua extensão, entre Modernismo e Tradicionalismo, pois se assim o fizéssemos, estaríamos contrariando a própria teoria da mudança com seus correlatos, ou seja, demora, resistência, defasagem.

Somos desta forma levados a pensar que as sociedades se encontram num estágio de transição permanente para novas formas, sem que, no entanto, este processo se desenvolva em bloco.

Existem vários contínuos e não apenas um, sendo que eles se apresentam, num dado momento, variáveis segundo representem áreas de maior ou menor resistência à mudança.

Por tal motivo, inferimos que modernismo e tradicionalismo só podem ser apreendidos quando do estudo de determinada sociedade, quando esta puder ser analisada de uma forma compreensiva segundo o desenvolvimento dos vários setores da sua cultura e segundo os complexos de atitudes e evidenciadas por meio do comportamento de indivíduos que convivem no seu interior. E isto num dado momento de tempo e em um espaço social considerado. Nossos raciocínios levam à teoria do Symbolic Interactionism. 22)

Neste caso, a apreensão das singularidades encontradas pode ser suficiente para explicar as regularidades diferenciais de comportamento em diferentes categorias sociais.

Todavia, adotando esta perspectiva teórica o Tradicional e o Moderno, tendo que ser extraídos da própria



realidade empírica, perdem a sua característica de generalidade e universalidade. Temos neste caso de convir que os conceitos de *modernismo* e *tradicionalismo*, quando aplicados a sociedades globais, constituem um "mito" (Armer e Schnaiberg, p. 314), pelo menos como têm sido comumente apresentados, isto é, como conceitos exclusivos e implicando uma única dimensão de modernismo ou de tradicionalismo.

3- Concluindo, Modernismo e Tradicionalismo podem talvez existir em termos ideais-típicos e, neste caso, coexistem em qualquer tipo de sociedade, como orientações de valores a serem captadas da própria realidade empírica e que podem servir para explicar uma realidade no que ela apresenta de singular.

Gurvitch ²³⁾ na referência que faz ao método do tipológico diz: "O método tipológico próprio da sociologia constrói tipos sociais descontínuos, mas que podem repetir-se. Generaliza até um limite determinado, para fazer ressaltar a especificidade do tipo. Construindo tipos qualitativamente diferentes, individualiza também para um limite determinado, mas a fim de fazer ressaltar os quadros que podem repetir-se. Não descuida as sistematizações das ciências sociais particulares, mas só para usá-las como pontos de referência para investigações mais profundas, destinadas a demonstrar como todo sistema coerente de modelos e símbolos é relativo e depende de um quadro determinado ou de uma determinada situação social". (Gurvitch, Georges, 1953, p. 13)

Na perspectiva de Gurvitch, Modernismo e Tradicionalismo não são dois conceitos opostos. São complementares, uma vez que se interligam e interpenetram e disto



decorrem continuamente "novas organizações e elementos no vos" (Queiróz, 1972, p. 75).

De suas idéias podemos inferir que a plura lidade de sistemas, correspondendo à diversidade de tipos de sociedade, não admite a redução à simples dualidade, do ar caico e do civilizado, do moderno e do tradicional.

Os conceitos são assim apresentados como complementares e implicando um relativismo; o que nos leva a um reforço do nosso ponto de vista, segundo o qual a sequên cia do desenvolvimento é vista como desigual, não apenas pa ra diferentes sociedades, mas para diferentes setores da mes ma sociedade (o que exclui a possibilidade da unilinearidade do "continuum"). Isto dificulta, em parte, a aplicação de mo delos universais construídos para o estudo de sociedades mo dernas ou tradicionais. Por outro lado justifica a adoção dos mesmos ou, pelo menos, de alguns indicadores das duas catego rias, na medida em que servem como *ponto de partida* para a interpretação de uma realidade que a nós se apresenta como constituída de vários contínuos, com tendências individuali- zadas, sempre distanciadas de um dos seus polos.

Desta forma, um estudo de sociedade partin do das categorias por nós apresentadas segundo a linha teóri ca de Kahl, que no seu caso não constituem modelos univer sais mas simplesmente um conjunto de indicadores, pode ser útil na medida em que desejamos distinguir entre Modernismo e Tradicionalismo (nos vários setores da cultura ou em cate gorias de indivíduos), no entanto, não como dois modelos que se opõem, mas como traços característicos de estilos de vida encontrados em maior ou menor grau em uma determinada sociedade, em grupos de indivíduos ou em indivíduos tomados isoladamente.



Notas

- 13) Germani, Gino, *Sociologia de la Modernización: Estudios Teóricos, Metodológicos y Aplicados a America Latina*, 1969.
- 14) Parsons, Talcott, *The Social System* "Types of Social Value Orientation" a Free Press, 1966, p. 101 e segs.
- 15) Germani, Gino "Secularización y Desarrollo Economico", *Resistências à Mudança* Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Brasil, 1960.
- 16) Redfield, Robert apud Bose, Santi Pryia "Are tradition and modernity relevant to development as exclusive systems?" *Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, nº 3, 1.^a série, Novembro de 1970.
- 17) Armer, Michael & Schnaiberg, Allan, "Measuring Individual Modernity" *American Sociological Review* Vol.37 nº 3.
- 18) Queiróz, Maria Isaura Pereira de, "Pesquisas sociológicas sobre o sub-desenvolvimento: Reflexões metodológicas" *Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, nº 5, 1.^a série, junho de 1972.
- 19) Gusfield, Joseph R. "Tradition and Modernity: Misplaced Polarities in the Study of Social Change", *The American Journal of Sociology*, Vol.72, nº 4, January 1967.
- 20) Bose, Santi Pryia, *op.cit.*
- 21) Esta é a posição de Gusfield, *op.cit.*, quando diz que tradição e modernidade, em lugar de serem dois sistemas em conflito, estão sempre se reforçando mutuamente.
- 22) Blumer, Herbert, *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*, 1969, especialmente cap. 7 "Sociological Analysis and the "Variable"".



- 23) Gurvitch, Georges, *La Vocación Actual de La Sociología*, Fondo de Cultura Económica, Mexico-Buenos Aires, 1953.

IX - UMA EXPLICAÇÃO EM TERMOS DE ANOMIA

Os resultados a que chegamos com a tabulação dos dados registrados nos questionários no que diz respeito à escala de Tradicionalismo padronizada por Dias (tanto os que se referem à síndrome quanto os que tomam cada item isoladamente) não podem ser interpretados seguindo a linha teórica adotada por Kahl.

Algumas tentativas foram feitas para explicar as anomalias encontradas. No entanto, todas estas tentativas necessitariam de estudos em maior profundidade, a fim de que algumas das hipóteses levantadas pudessem ser ou não comprovadas.

Observamos, no item anterior a este, que as sociedades em estágio acelerado de transição, enfrentam sérias dificuldades quanto à assimilação de padrões de comportamento pelos indivíduos, principalmente quando estes padrões são representativos de áreas nas quais a substituição dos mesmos é rápida.

Deixamos entrever que este fato pode resultar na formação de atitudes individuais de certo modo incongruentes com o desenvolvimento institucional, gerando anomias de comportamento em indivíduos ou em grupos de indivíduos.

A conceituação de anomia segundo Merton nos parece adequada para uma tentativa de explicação compreensiva das atitudes de nossos adolescentes. Havíamos realizado um trabalho de natureza exploratória com jovens²⁴⁾, paralelamente ao já apresentado e com uma técnica diferente, a fim de que pudéssemos observar até que ponto a expectativa, se



gundo a qual nossos jovens são mais modernos que tradicionais perante os valores da cultura, poderia encontrar eco.

1- O conceito de anomia

Robert K. Merton ²⁵⁾ oferece-nos um "conceito ampliado de anomia".

Segundo o autor, o ambiente social no qual o indivíduo convive envolve tanto a estrutura cultural como a estrutura social que, pelo menos para fins de análise, podem aqui manter-se separadas.

A estrutura cultural é por ele conceituada como reunindo um conjunto organizado de valores normativos que estão à base do comportamento comum aos indivíduos de determinado grupo ou sociedade.

A estrutura social refere-se ao conjunto organizado de relações sociais que agrupam entre si, diversamente, os indivíduos de determinado grupo ou sociedade.

Por meio desta diferenciação Merton conceitua a anomia como "uma ruptura na estrutura cultural, ocorrendo, particularmente, quando há uma disjunção aguda entre as normas e as metas culturais e as capacidades socialmente estruturadas dos membros do grupo em agir de acordo com as primeiras. Neste conceito, os valores culturais podem contribuir para determinar um comportamento que esteja em oposição aos mandados dos próprios valores" (Merton, 1965, p. 170).

Em suma, a anomia refere-se ao comportamento que se desvia das normas prescritas, sendo que os desvios podem seguir formas variadas em estruturas sócio-culturais diferentes. Podem variar segundo as áreas de valores mais resistentes, ou menos, à mudança, conforme os estratos sociais



considerados, ou mesmo quando se consideram apenas os indiví
duos.

Ainda em Merton (Merton, 1965 p. 141) en
contramos que entre os elementos das estruturas sociais dois
são de importância imediata. São separáveis apenas para fins
de análise, mas superpõem-se em situações concretas.

Um deles consiste em objetivos, propósitos
e interesses culturalmente definidos, sustentados como obje
tivos legítimos para todos os indivíduos da sociedade. Os ob
jetivos predominantes implicam diversos graus de sentimento
e de importância e compreendem uma estrutura de "referência
aspiracional".

O outro são elementos da estrutura cultu-
ral que definem, regulam e controlam os modos admissíveis pa-
ra se alcançar esses objetivos.

Desta forma, todo grupo social associa seus
objetivos culturais a regras arraigadas nos costumes ou nas
instituições, relativas aos procedimentos permissíveis para
se alcançar estes objetivos.

Quando esta situação não ocorre, surge a a
nomia que, apesar de ocorrer em circunstâncias contraditóri-
as, pode ser considerada como uma reação normal de indivídu-
os ou grupos de indivíduos.

Fundamentados no conceito de anomia, como
é compreendido por Merton, tentaremos uma explicação dos mo
dos de agir, de pensar e de sentir dos nossos adolescentes,
que constituem a maior parte dos sujeitos da nossa investiga-
ção.

Fenômenos de mudança sócio-cultural são res
pensáveis pela ocorrência de anomia em indivíduos ou grupo de



indivíduos, pelo fato de que a mudança implica um desenvolvimento desarmônico entre os vários setores da cultura. Comportamento divergente pode ocorrer em qualquer tipo de sociedade; todavia, é de se esperar que ocorra mais acentuadamente nas sociedades modernas do que nas tradicionais (nestas, há uma maior acomodação social em qualquer nível, seja no sócio-cultural, seja no individual).

Para nós, torna-se conveniente, no momento, considerar sociedade "moderna" e sociedade "tradicional" de maneira bastante ampla, como mais resistentes, ou menos, à mudança. Na realidade, o fato de procurarmos explicar o comportamento modernista desses adolescentes em termos de anomia, liberta-nos da necessidade de caracterizar uma sociedade como moderna ou tradicional, segundo os correlatos de cada uma destas categorias, frequentemente encontrados na literatura sociológica.

Apontamos, assim, como causa da maior ou menor adoção da mudança por grupos ou indivíduos, a própria estrutura sócio-cultural e não o "tradicionalismo" ou o "modernismo".

Temos a impressão de que a estrutura sócio-cultural da comunidade por nós investigada exerce uma influência em nosso jovem, levando-o a comportar-se de maneira "não conformista". A adolescência constitui uma categoria peculiar submetida a diferentes pressões, sendo seu comportamento divergente considerado uma reação normal à situação em que se encontra.

Não levamos em conta, no momento, as características psicológicas que possam influenciar as atitudes de nossos jovens. O que nos interessa são as vinculações que os mesmos mantêm com a estrutura, o funcionamento e as tendên



cias de diferenciação do sistema social, capazes de condicionar suas disposições mentais para agir e seus próprios mecanismos de percepção social como, por exemplo, o reconhecimento da existência de uma estratificação da sociedade, a posição da família neste sistema, o nível sócio-econômico da família, o seu próprio grau de escolaridade e o de seus pais, entre outros.

2- Um trabalho de natureza exploratória

Fundamentados nesta formulação teórica, julgamos de conveniência aproveitar dados colhidos de um trabalho de natureza exploratória com adolescentes, a fim de que pudéssemos investigar a respeito do tipo de vinculação que os mesmos mantêm com a estrutura sócio-cultural do meio em que vivem e das possíveis inadequações de comportamento derivadas deste tipo de vinculação.

Para a realização deste trabalho, nos inspiramos num artigo de Thomas Ervin Smith²⁶⁾ no qual o autor mostra uma associação positiva entre classe social da família e êxito do pai, por um lado, e atitude do adolescente em adotar as idéias e concepções de vida do pai, por outro. (O êxito do pai foi medido pelo prestígio ocupacional, nível de instrução e capacidade de prover as necessidades econômicas da família).

Aceitando as idéias do trabalho de Smith e jogando com o conhecimento que temos a respeito do comportamento de adolescentes, elaboramos um roteiro de entrevista ao qual foram submetidos 40 estudantes cursando o terceiro ano no colegial, do sexo feminino e masculino, e que não haviam



sido submetidos aos questionários. Esses sujeitos pertenciam a diferentes camadas socio-econômicas e eram filhos de pais com níveis de escolaridade variados, desde nenhuma até instrução de nível superior.

Nosso objetivo era o de observar até que ponto estes jovens estariam sendo influenciados pelas suas famílias de orientação, no que diz respeito a algumas de suas atitudes e modos de proceder, ou por outros grupos (como por exemplo a escola), ou por outras situações que pudessem sobrepujar as pressões exercidas pela família.

A ênfase dada ao papel da família e também ao da escola justificava-se pelo fato de que estes grupos têm sido considerados como os principais canais de transmissão para a difusão de normas culturais às gerações imaturas.

Incluimos, portanto, no nosso roteiro de entrevistas:

- 1- Aspectos gerais do relacionamento pais-filhos.
- 2- Importância atribuída pelo adolescente ao nível de escolaridade atingido por seus pais.
- 3- Importância atribuída pelo adolescente à origem sócio-econômica de sua família.
- 4- Valor atribuído à ocupação desempenhada pelo pai e ao seu êxito.
- 5- Influência dos pais sobre a escolha de uma ocupação futura pelo filho.
- 6- Aceitação, pelo adolescente, do modo de pensar e de agir dos pais e influências sobre a sua própria cosmovisão.
- 7- Influências da família quanto aos padrões sócio-afetivos e éticos.
- 8- Informações dos filhos sobre o modernismo e o tradicionalismo dos pais.



- 9- Concepções dos jovens a respeito do futuro.
- 10- Valor atribuído pelo jovem ao trabalho.
- 11- Conflito de Gerações .

Manipulando os dados de acordo com o esquema fornecido por estes itens pretendíamos classificar, grosso modo, as atitudes modernistas ou tradicionalistas de nos sos adolescentes segundo suas predisposições em aceitar ou rejeitar os valores característicos de uma sociedade em ace lerado processo de mudança sócio-cultural como a que constituía objeto de nosso estudo.

Relatamos, a seguir, sumariamente, os re sultados a que chegamos.

Aspirações ocupacionais

De um modo geral pudemos verificar que nos sos adolescentes têm uma percepção bastante clara da mobili dade social, sendo que a associam à mobilidade ocupacional.

- a- Aspiram a uma ocupação de maior prestígio que a do pai, quando esta é de nível inferior, não escondendo seu des contentamento. Mostramos, a título de curiosidade, alguns exemplos: encanador (profissão do pai) - engenheiro (aspi ração do filho); ferroviário-licenciado; corretor-cursar aeronáutica; sapateiro-licenciado; motorista de escola-psi canalista; nenhuma-médico.
- b- Também os pais (excluídos os que têm uma boa posição) não aspiram para os filhos a sua mesma posição social; ao con trário, incutem nos mesmos o desejo de ascensão, não faci litando, todavia, na maioria das vezes, os meios para se obter esta ascensão.



- c- O êxito profissional do pai é bastante valorizado pelo filho, independentemente do nível social alcançado. Observamos casos em que o êxito do pai na ocupação resulta em verdadeira admiração filial, como por exemplo: pedreiro (profissão anterior do pai)- representante comercial (profissão atual); contador-advogado e fazendeiro; lançador na prefeitura-juiz de direito; açougueiro-fazendeiro.
- d- Por outro lado, o malogro ou a falta de projeção do pai gera algumas vezes o mau relacionamento entre ele e o filho. O exemplo abaixo parece significativo desta situação: o aluno foi entrevistado aos 18 anos, sendo seu pai, encanador. Segundo suas próprias palavras, até os 15 anos, "envergonhava-se" da ocupação paterna. Até hoje "não aceita" o pai com esta profissão. Há algum tempo moraram em cidade pequena onde o pai era conhecido e considerado bom profissional. A mudança para São José do Rio Preto, cidade onde há muita competição no ramo, motivou o anonimato do pai, o que, no dizer do próprio filho, é muito desagradável.

Estes fatos, associados a outros de igual natureza, parecem mostrar que nosso jovem tem percepção da estratificação da sociedade e da posição da sua família na hierarquia de prestígio.

Fatores que são Relevantes na escolha de uma ocupação

Propusemos três fatores(a serem numerados pelos alunos), que podem condicionar a escolha de uma futura ocupação, obtendo o seguinte resultado: em primeiro lugar, remuneração; em segundo, prestígio, seguido de perto de "vocação".

a- Entre estes valores, o prestígio nem sempre sobrepujou a remuneração, o que pode ser observado pela resposta dada por alguns jovens espontaneamente: "de nada adianta o prestígio sem o dinheiro".

b- Os alunos vêem remuneração em primeiro lugar, por perceberem que vivem em uma sociedade capitalista.

c- Quando inquiridos sobre o valor da "vocação" para a escolha de uma futura profissão, não souberam responder, por não estarem conscientes de suas próprias tendências e aptidões.

Valor atribuído à instrução

O adolescente considera a instrução como um dos valores fundamentais para o bom ajustamento do indivíduo à sociedade.

a- Valorizam as profissões paternas que exigem maior nível de escolaridade porque favorecem uma maior abertura de mentalidade por parte dos pais, auxiliando a estes na orientação que podem dar aos filhos.

b- Todavia, esta orientação é prejudicada nos casos em que estas profissões tomam o maior tempo disponível dos pais, o que limita as possibilidades de relacionamento.

c- A falta de instrução dos pais, de um modo geral, é considerada pelos filhos como um dos obstáculos ao seu encaminhamento profissional.

Independência de laços familiares

Esta aspiração pode ser observada, principalmente, com relação à escolha de uma profissão futura.

a- Opiniões de pais e de parentes não são levadas em muita

consideração quando da escolha da profissão. Os filhos procuram não se deixar influenciar por ninguém. No entanto, quando se deixam influenciar é porque tomaram como modelo um adulto a quem admiram, fora do grupo mais restrito de parentes.

b- Quando o pai ocupa uma posição de destaque na sociedade, geralmente o filho não aspira a mesma ocupação. Isto pode revelar independência do jovem, não valorização da própria profissão pelo pai ou mesmo um indício de conflito de gerações.

c- O adolescente considera que a desvinculação dos laços familiares depende tanto de uma filosofia de vida como da própria independência econômica.

d- Também a reduzida convivência entre pais e filhos leva estes últimos a aprenderem a ser auto-suficientes.

e- Estudar ou morar longe da família liberta o jovem das pressões familiares.

Padrões de afeição no seio da família

O laço afetivo entre pais e filhos parece ser o fator dominante para o bom relacionamento familiar.

a- O êxito profissional do pai está associado ao afeto que o filho lhe dispensa.

b- No entanto, quando o pai se mostra compreensivo e amigo do filho, estas qualidades superam o malogro. Neste caso, a falta de êxito do pai encontra justificativa por parte do próprio filho.

Construção de um esquema de vida próprio ²⁷⁾

Tanto as moças quanto os rapazes afirmam



que nem sempre tomam os pais como modelos na construção de seu próprio esquema de vida.

a- Não tomam os pais como modelos, alegando que, de um modo geral, não os conhecem bem. Dizem que os mesmos lhes dão mais conforto material, esquecendo-se do lado mais humano do relacionamento.

b- Consideram muitas vezes os pais como destituídos de autoridade (o papel da maioria dos pais na nossa comunidade é o de uma pessoa que não deseja se impor ao filho), o que faz com que não sirvam como modelo.

c- Todavia, dizem tomá-los como modelos, quando deles recebem boa orientação, apoio e afeto²⁸).

Concepções a respeito do trabalho

Os adolescentes, ao contrário do que à primeira vista possa parecer, atribuem valor considerável ao trabalho.

a- Dizem que o trabalho gera independência econômica, afetiva e moral.

b- Proporciona autonomia à pessoa, que no caso não necessita depender dos pais.

c- Contribui para a adaptação do indivíduo à sociedade e para a sua própria formação.

d- É um estímulo para a vida. A pessoa passa a compreender as próprias necessidades e aprende a satisfazê-las.

e- A pessoa amadurece e adquire experiência, passando a encarar a vida de maneira diferente.

f- O trabalho dá segurança ao indivíduo e aumenta sua responsabilidade.



Idéias a respeito do futuro

O que o adolescente pensa a respeito do futuro leva-nos a supor a ausência de uma posição fatalista.

a- Consideram que o futuro é construído por cada um. O progresso vem com esforço próprio, mais do que por intermédio de influências protecionistas. (Esta última afirmativa parece, em parte, contrariada pelas respostas dadas à escala padronizada por Dias, quanto à tabulação de cada item isoladamente. Vide tabelas nº 21 e nº 25).

b- Não acreditam no "destino". O futuro depende de cada um de nós e das oportunidades que encontramos no caminho que escolhemos.

Concepções sobre o tradicionalismo dos pais

Os que consideram os pais tradicionais associam este traço a alguns procedimentos paternos:

a- Não concordarem, os pais, com o grau de liberdade que outros permitem aos filhos.

b- Adotarem valores antigos no que diz respeito ao comportamento feminino: "a mulher deve sempre estar mais próxima do lar".

c- Não permitirem que as filhas estudem fora; restringirem seus passeios.

d- Não permitirem que os filhos cheguem em casa além do horário estipulado.

e- Punirem os filhos por tirarem notas baixas na escola.

f- Não manterem diálogo com os filhos sobre assuntos relativos ao sexo.

g- Não permitirem às mulheres casadas trabalharem, pois isto



pode gerar (na interpretação dos filhos), no chefe da família, sentimentos de inferioridade.

Concepções sobre o modernismo dos pais

De um modo geral, os filhos consideram as mães como mais modernas que os pais (contrariamente ao que tem sido observado na maioria dos trabalhos que tratam do assunto).

Consideram a "cidade grande", ou seja, a metrópole, como símbolo de liberdade, independência e autonomia, como influenciadora das atitudes modernas nos jovens.

a- Consideram os pais modernos quando mantêm diálogo com os filhos.

b- Quando aceitam a moda.

c- Quando aceitam o desenvolvimento da sociedade e as mudanças nela introduzidas.

d- Quando procuram entender o comportamento dos filhos e auxiliá-los com orientação adotando, para tanto, "princípios psicológicos". Isto favorece o diálogo.

e- Quando permitem aos filhos estudarem fora e terem a chave da casa.

f- Quando não proíbem nada do que é considerado próprio para a época e para a geração.

Conflito de Gerações

Os jovens atribuem a determinados motivos a dificuldade de entrosamento com seus pais.

a- Afirmam que o tipo de ocupação desempenhada pelo pai dificulta muitas vezes o relacionamento com o filho. Esta talvez



possa ser uma das causas do fato de o filho não aspirar à mesma profissão que o pai em qualquer nível.

b- A falta de diálogo pais-filhos afasta as duas gerações.

c- A ausência de afetividade da parte dos pais cria uma distância entre eles e os filhos.

d- Atribuem à diferença de idade a divergência entre concepções e valores adotados pelas duas gerações.

Em resumo, pudemos perceber, pelas respostas dadas por nossos adolescentes, que:

Estes jovens têm uma percepção clara do fenômeno da estratificação e das possibilidades de mobilidade social.

Vêem na "cidade grande" as oportunidades para o comportamento independente e para a autonomia.

Aspiram a um estilo de vida próprio, independente das idéias preconizadas pelos pais. Não querem ser influenciados pelos mesmos ou por parentes na escolha de uma profissão.

Vêem no êxito do pai uma oportunidade para a família subir na escala social.

Encaram o futuro como desconhecido, mas a ser construído com o próprio esforço.

Vêem no tradicionalismo ("bitolamento") dos pais a explicação para a divergência com seus próprios valores.

As considerações acima parecem confirmar nossa expectativa segundo a qual adolescentes escolarizados (pelo menos em nosso meio sócio-cultural) evidenciam tendências mais modernistas do que tradicionalistas perante os valores da cultura e principalmente perante aqueles relativos



às áreas da família e da ocupação.

Novamente percebemos uma discrepância entre os novos dados fornecidos pelas entrevistas e os resultados obtidos quando da tabulação das respostas dadas à escala adaptada de Dias. Parece haver fortes evidências de que nosso jovem é moderno.

Todavia, temos de convir que o processo de mudança sócio-cultural em nossa sociedade tem produzido desajustamentos, e não apenas nesta faixa etária, mas para algumas categorias de indivíduos, entre os quais a adolescência escolarizada se situa.

O modernismo, no nível individual, é interpretado pelos estudiosos do assunto com o sentido de um ajustamento pessoal bem sucedido às mudanças sociais (contrariamente ao tradicionalismo). Entretanto, parece haver acordo quanto ao fato de que o adolescente, de um modo geral, não constitui um elemento ajustado à sociedade, o que é facilmente explicável pelas próprias características bio-psico-sociais desta fase. No entanto, com relação aos nossos adolescentes, parece que estas dificuldades se avolumam no plano social, pelo tipo de controle exercido por alguns grupos sobre o seu comportamento (como, por exemplo, a família e a escola) ao mesmo tempo em que o jovem aspira fugir a estas pressões.

Esta disjunção entre os objetivos propostos pela estrutura sócio-cultural e as dificuldades dos jovens em acomodar suas maneiras de sentir, pensar e agir aos valores, normas e padrões pré-estabelecidos é que os leva à anomia. Neste caso, o modernismo do adolescente encontra justificativa no seu próprio comportamento divergente na medida em que esta divergência pode ser por eles considerada como uma reação normal (coerente com sua própria filosofia de vi



da) à situação em que se encontram. Seu comportamento é discrepante porque contradiz valores, padrões e normas peculiares da maioria dos grupos com os quais sua interação é mais intensa, como, por exemplo, a família e a escola.

Este é justamente o ponto em que o seu grau de modernismo talvez possa ser explicado pelo seu grau de anomia.

3- *Influências exercidas pela família como fonte de anomia sobre o comportamento do adolescente*

São José do Rio Preto é uma cidade mais moderna do que tradicional com relação aos seus traços de cultura. No entanto, seu desenvolvimento maior deu-se a partir dos últimos anos (sendo atualmente acelerado), o que pode significar que uma parcela de tradicionalismo ainda é retida por determinados estratos da sociedade ou por indivíduos isoladamente. E este tradicionalismo pode ser mais intenso naqueles que, pela idade, estão mais distanciados dos adolescentes.

As inovações introduzidas com a mudança sôcio-cultural são assimiladas heterogeneamente pelas diferentes gerações e até dentro da mesma faixa etária, havendo naturalmente maior tendência à aceitação na camada jovem. Este fato provoca, de um lado, defasagem de gerações e, de outro, diferenças de atitudes e de comportamentos nos indivíduos da mesma geração, o que implica variação de modernismo individual.

Todavia, a resistência dos mais impermeáveis ao modernismo acarreta problemas principalmente para o



adolescente e grande parte destes problemas estão ligados ao *processo de socialização*, como ocorre no ambiente familiar.

O jovem atual, em nossa sociedade, foi educado quando criança (dado o fato de o crescimento de São José do Rio Preto ter se acelerado de alguns anos para cá) de acordo com valores mais representativos da mentalidade tradicional e, como sabemos, é muito difícil fugir às influências recebidas durante a fase inicial do processo de socialização. No entanto, é muito mais difícil ainda conciliar valores *inculcados* na fase infantil, com as novas *tendências* trazidas por meio da mudança sócio-cultural muito rápida e que *atingem* o jovem no período da adolescência. Desta forma, a *difficuldade* em conciliar padrões tradicionais retidos pela *família* com as novas *tendências*, impostas pela estrutura sócio-cultural mais ampla, pode ser considerada como uma das *fontes* de anomia.

Mesmo para aqueles jovens que em criança não foram tão influenciados por este tradicionalismo, a sua participação maior em outros grupos que não a família pode ser considerada como uma das fontes geradoras do *comportamento* atual mais moderno do que tradicional.

Ainda a família pode ser considerada como um grupo importante para estruturar o comportamento do jovem, naquilo que diz respeito à sua *função afetiva*, função esta considerada pelos estudiosos como uma das mais relevantes na medida em que é *intransferível* para outros grupos.

O fato do jovem aspirar fugir às pressões do ambiente familiar parece contraditório com o desejo *expresso* pelos mesmos (o que pode ser observado pela *síntese* das respostas dadas nas entrevistas) de receber dos pais *afeto*, *orientação* e *satisfação* às necessidades de segurança emocional.



O nosso adolescente, neste aspecto, não foge à regra geral e, portanto, a situação acima descrita pode ser considerada como fonte de anomia.

Podemos apenas acentuar que esta tendência é marcante em nossa comunidade, na qual o jovem aspira integrar-se numa subcultura adolescente, mas para isto, tem que romper com os padrões de comportamento como são expressos pefa família. Daí a "racionalização" do próprio comportamento, expressa no desejo de estudar em outra cidade e de participar de outros grupos ou desempenhar outras atividades que justifiquem (aparentemente) o seu afastamento do ambiente familiar.

Voltando para a tese central de Merton, segundo a qual o comportamento anômico pode ser considerado do ponto de vista social como uma dissociação entre as aspirações culturalmente sancionadas e os caminhos estruturados para se chegar às mesmas, podemos pensar que a síndrome de aspirações elevadas ao lado de limitadas oportunidades reais é o que em grande parte incita o jovem (e as outras pessoas de um modo geral) ao comportamento divergente.

Os valores, em determinadas sociedades (como é o caso da nossa), se hierarquizam como objetivos mais ou menos comuns a todos os indivíduos, o que é percebido socialmente pelo adolescente. Por outro lado, a estrutura cultural define, regula e controla os modos de se alcançar estes objetivos e isto parece não ser socialmente percebido tanto pelos pais como pelos filhos.

Na maioria dos casos, é exatamente esta falta de percepção de que nem sempre existem meios para se alcançar estes objetivos expressos nos valores, que constitui uma fonte de anomia. E estas contradições entre o sistema de fins



e meios tornam-se mais intensas no caso do adolescente.

Entre os nossos sujeitos, o nível de aspiração para atingir o êxito social é alto demais, independentemente de certas características como sexo, nível sócio-econômico ou grau de escolaridade dos pais. Em termos de ocupações, tanto os pais como os próprios filhos aspiram aos níveis mais elevados da hierarquia sócio-ocupacional.

Aliás, isto tem sido sistematicamente observado em qualquer inquérito de opinião que pretenda levantar dados sobre as aspirações ocupacionais junto a uma clientela escolar, por meio de dados fornecidos pelos alunos informantes ou por seus pais. O nível de aspirações é muito elevado, tomando-se em consideração certos "fatores de realidade" que certamente constituirão obstáculos à realização profissional (e nisto a escola igualmente tem culpa).

Em nossa sociedade, por exemplo, o êxito é dificultado aos que não possuem recursos ou educação formal. Como objetivos e meios estão em grande parte ligados às estruturas de classes, para alguns isto pode gerar o comportamento divergente que caracteriza a anomia.

Os canais legítimos para a ascensão social não estão plenamente abertos em todos os níveis, o que pode provocar uma defasagem entre o nível de aspirações e as próprias condições de realidade.

Um dos exemplos que pode levar ao comportamento anômico nesta área da escolha das ocupações (com relação às influências exercidas pela família) é a projeção compensatória da ambição paterna nos filhos e isto é bastante comum em nossa sociedade. Isto geralmente acontece nos casos em que os pais são os menos capazes de proporcionar aos filhos acesso às ocupações desejadas. Podemos antecipar que,



neste caso, o próprio comportamento paterno já denota índices de anomia, pois, aspirando para o filho um status que ele não conseguiu atingir, seu comportamento não é apenas fonte de anomia para o filho, mas é ele próprio divergente.

O grau de tensão dos indivíduos pode então resultar de conflitos entre uma estrutura social moderna e meios inadequados que constituem obstáculos para conseguir êxito.

Os resultados aos quais chegamos, com a realização do trabalho exploratório com adolescentes, mostraram ser os jovens modernos independentemente de diferentes condições sociais ou individuais, como por exemplo, o sexo, a condição sócio-econômica da família ou o nível de instrução dos pais.

Este resultado parece encontrar apoio nas palavras de Armer e Schnaiberg ²⁹⁾ segundo os quais "influências modernizantes em sociedades modernas são extremamente difusas" (Armer e Schnaiberg, 1972 p. 306). Os mesmos autores, citando Inkeles ³⁰⁾, dizem que as pessoas estão expostas igualmente, numa sociedade urbano-industrial, à comunicação de massa, estilo de vida urbano, educação e contatos com indiviúduos modernos e influências modernizantes.

Este talvez seja o motivo fundamental que faz com que o comportamento divergente leve o indivíduo de um modo geral e, principalmente, o adolescente em particular à aceitação da mudança sócio-cultural e, conseqüentemente, ao modernismo individual manifestado pelas suas maneiras peculiares de agir, sentir e pensar.

4- *Influências exercidas pela escola como fonte de anomia.*



O conceito de anomia, segundo Merton, enfatiza que o conflito entre valores culturalmente aceitos e as dificuldades socialmente estruturadas para viver de acordo com estes mesmos valores exerce pressão sobre o comportamento do indivíduo e para o rompimento com o sistema normativo.

No caso do adolescente, parte deste conflito pode ter sua origem no tipo de influências que a escola exerce sobre o seu comportamento, dificultando, muitas vezes, o seu ajustamento à sociedade em que vive.

Dentro dos grandes objetivos comumente citados quando se considera o papel da escola na formação das gerações imaturas, dois têm sido considerados como fundamentais: o de instruir e o de socializar.

Todavia, muito mais do que atender a estes dois grandes objetivos, nossa escola tem servido como um dos canais legítimos para facilitar ao indivíduo sua ascensão social. Com isto, ela tem deixado de lado funções que lhe são inerentes.

Com relação à *instrução*, acreditamos que nossas escolas não estão atendendo de maneira satisfatória esta função. E isto, acreditamos, vale para todo o nosso sistema educacional, mas é válido, principalmente, para o caso especial que estamos considerando. O nosso adolescente parece frequentar a escola mais para obter um diploma do que pela vantagem da aquisição de conhecimentos.

Considerando sua *função socializadora*, de um modo geral, esta instituição não tem conseguido desempenhá-la com eficiência. Se, por um lado, a escola deve atender às exigências da sociedade no sentido de levar o indivíduo à aquisição de conhecimentos, modos, crenças e padrões, mostrando por meio desta atividade uma função conservadora,



deve, por outro lado, contribuir para a renovação do próprio meio sócio-cultural.

Segundo Kilpatrick³¹⁾, o equilíbrio entre tradições firmes e os padrões de comportamento, tolerância, a adaptabilidade às modificações e o espírito de indagação, em bora com relativa dificuldade, pode e deve ser conseguido. Mas nossa escola não tem atendido de maneira satisfatória a estes dois propósitos até certo ponto antitéticos.

De um modo geral, a educação sistemática é eminentemente conservadora e, por este motivo, quando assimila as mudanças que se processam no meio sócio-cultural mais amplo, é sempre com grande atraso. Isto pode, em parte, ser explicado pela "inércia" burocrático-administrativa do próprio sistema educacional.

Em virtude de os dois objetivos básicos da escola (o de transmitir e preservar a herança sócio-cultural e o de funcionar como agência de mudança social provocada) serem antitéticos, raramente o ponto de equilíbrio é alcançado. Por outro lado, podemos dizer que quando este ponto de equilíbrio não é atingido de maneira socialmente adequada, ele tende mais para o lado da preservação de herança cultural e, nesta caso, para o conservadorismo.

Esta situação é característica das escolas no meio sócio-cultural por nós considerado. Enquanto nas comunidades em geral, as mudanças tecnológicas são aceitas sem maiores resistências, ao mesmo tempo em que se transformam a estrutura econômica e o sistema de relações sociais, a escola segue em ritmo lento estas transformações, mantendo, em grande parte, sua fisionomia tradicional.

Por este motivo, a dificuldade que tem a escola em resolver a tensão dialética determinada por seus ob



jetivos antitéticos faz com que ela própria seja um foco de resistência à mudança e, neste caso, em linhas gerais, ela pode ser considerada como uma das maiores fontes de anomia.

Este pode ser considerado um dos fatores segundo os quais a escola não satisfaz os anseios da juventude. Para o adolescente, ela se apresenta como inútil nas suas funções, o que tem resultado numa série de desajustamentos entre o grupo de educadores e o corpo administrativo de um lado, e o grupo de educandos, de outro ³²⁾. Isto leva, com frequência a um estado de tensão entre o grupo de adultos e o de imaturos, "na medida em que ambos manifestam modos diversos de participação na vida social, com diversos interesses" (Cândido, 1964, p. 17).

Por outro lado, enquanto a educação institucionalizada não tem (pelo menos em nosso meio social) para a maioria das pessoas uma função adaptativa e nem mesmo conservadora, ela tem servido como um dos canais de mobilidade social. Nossa escola pode ser vista como um meio de ascensão social.

Todavia, nosso sistema educacional ainda funciona, no seu todo, como uma "pirâmide educativa" que facilita a alguns e dificulta a outros o acesso a seu ponto mais elevado. Este é mais um ponto em que a escola falha como meio de ajustamento do adolescente às condições sócio-culturais, o que provoca, em grande parte, o comportamento anômico.

Nos níveis inferiores do sistema a escola se abre a toda uma população com idade para frequentá-la, independentemente de suas condições individuais ou sociais. Influencia a todos da mesma maneira e principalmente valorizando as profissões de maior prestígio social, não prevendo as



limitações que as próprias barreiras institucionais imporão à grande parte destes jovens, impedindo a muitos o acesso às posições mais altas.

Desta forma, a escola, em lugar de ajustar o jovem à sociedade em que vive, produz no mesmo uma série de conflitos com esta mesma realidade, sendo em grande parte responsável pelo seu comportamento anômico.

Apresenta a todos, independentemente de certas qualidades individuais ou sociais, os mesmos símbolos de êxito, que os imaturos assimilam naturalmente até o dia em que, pelas próprias experiências sociais, percebem suas próprias limitações. O conflito gerado por este confronto entre os objetivos culturalmente propostos por meio da escola e as limitações institucionais para atingí-los leva o adolescente a considerar esta instituição como inútil, pelo menos em termos das funções que lhes são inerentes e a continuar dela participando, tendo em vista apenas a aquisição de um diploma, em virtude de outras pressões sociais, entre as quais, a necessidade de adquirir sua independência econômica.

Na medida em que a política governamental permitiu a existência da escola não seletiva, estes problemas por nós considerados viram-se agravados. Tornou-se ainda mais difícil, pela heterogeneidade social dos estudantes, a conciliação entre sua função de preservadora da herança cultural e a de agência de mudança sócio-cultural.

Os conflitos foram exacerbados na medida em que o nível de aspiração da população escolar foi se elevando, enquanto que os meios para se alcançar estes objetivos continuaram os mesmos.

Acreditamos, todavia, ser esta uma fase transitória, pois já surgiu um elemento corretivo para re



resolver pelo menos em parte esta situação. Este elemento é a Lei 5692/71 ³³⁾. De um lado, esta Lei será uma tentativa de alcançar a síntese dialética procurando encontrar o ponto de equilíbrio entre as duas funções antitéticas acima consideradas.

Por outro lado, a ênfase dada pela Lei 5692 à profissionalização em qualquer nível de ensino, mas principalmente no ensino de segundo grau, parece vir de encontro aos três objetivos fundamentais que a escola visa atualmente alcançar: o de instruir, o de socializar e o de possibilitar ao indivíduo ascender socialmente por meio de uma profissionalização que esteja ao alcance de suas reais possibilidades (na medida em que todas as profissões sejam valorizadas em termos de mercado de trabalho local).

Neste caso, somos levados a pensar que a nossa escola talvez não seja mais uma fonte de anomia para nossos jovens, tendendo a levá-los a um maior ajustamento ao meio em que vivem. Só então ela funcionará como uma agência que leva o educando ao modernismo de suas atitudes, agora não mais como decorrência do comportamento divergente que ela costumava gerar, mas, sim, na medida em que ela vai, por aproximações sucessivas, se ajustando cada vez mais aos seus objetivos historicamente sancionados.

Notas

- 24) Para a realização deste trabalho, aproveitamos dados colhidos por meio de entrevistas com alunos em terceiro ano colegial, feitas quando de nosso trabalho no Serviço de Orientação Educacional do Instituto de Educação Estadual



"Monsenhor Gonçalves".

- 25) Merton, Robert K. *Teoría y Estructura Sociales* Fondo de Cultura Económica, 1965.
- 26) Smith, Thomas Ervin "Social Class and Attitudes Toward Fathers", *Sociology and Social Research*, An International Journal Vol. 53/January, 1969/nº 2.
- 27) Por esquema de vida, estamos compreendendo a filosofia de vida que o adolescente desenvolve na sua convivência com a sociedade mais ampla.
- 28) O fato parece contraditório com o desejo expresso pelos jovens de fugir ao ambiente familiar.
- 29) Armer & Schnaiberg, *op.cit.*
- 30) Inkeles, Alex apud Armer & Schnaiberg, *op.cit.*
- 31) Kilpatrick, W.H. *Educação para uma Civilização em Mudança*, Trad. Noemy S. Rudolfer. São Paulo: Melhoramentos, 1969
- 32) Mello e Souza, Antônio Cândido de. "A Estrutura da Escola", In Pereira Luiz & Foracchi Marialice (organizadores), *Educação e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1964.
- 33) Lei nº 5692 de 11 de Agosto de 1971 (Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus).



X - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho por nós apresentado foi realizado na cidade de São José do Rio Preto e teve, por finalidade principal, investigar algumas anomalias encontradas quando da realização de um inquérito sobre atitudes modernistas e tradicionalistas de adolescentes escolarizados.

Adotamos, como instrumento de medida do tradicionalismo e do modernismo, as escalas de Joseph A. Kahl, na versão do professor José Augusto Dias e a escala de Aparecida Joly Gouveia.

As anomalias encontradas manifestaram-se, em primeiro lugar, na pequena proporção de modernos encontrada com a tabulação dos dados obtidos com a escala nacional de Dias e, contrariamente, na grande proporção de modernos, pela escala de Gouveia.

Este fato nos levou a aprofundar nossos estudos em uma das direções, sendo que escolhemos a escala adaptada de Dias que era, no momento, a que se apresentava contrária à nossa expectativa (de que adolescentes escolarizados são mais modernos do que tradicionais).

Aprofundando nossos estudos, pudemos observar a inexistência de associações significativas entre modernismo, de um lado, e sexo do informante, nível sócio-econômico da família e grau de escolaridade dos pais, de outro.

Levantamos algumas hipóteses que poderiam, talvez, explicar as anomalias encontradas.

Estas hipóteses referem-se ao procedimento metodológico usado por Kahl, quando da realização do seu tra



balho, e aos próprios conceitos de "modernismo" e de "tradicionalismo" como têm sido comumente empregados.

Colocamos, desta forma, em dúvida, a adequação de alguns itens da escala de Kahl/Dias para o nosso meio sócio-cultural e, principalmente, a síndrome postulada por Kahl. Analisando o grau de modernismo dos sujeitos relacionados em cada um dos itens, pudemos observar que este modernismo, na maioria dos casos, sobrepujava aquele encontrado para a síndrome de valores.

Julgamos inadequado o procedimento de Kahl quando adota a técnica da divisão quartilhar para classificar seus sujeitos, bem como inadequada a construção dos seus dois tipos ideais.

Em seguida, procedemos a uma análise dos conceitos de modernismo e tradicionalismo, tentando mostrar que a postulação de um conjunto de indicadores, universalmente válidos e frequentemente apontados para distinguir sociedades modernas de sociedades tradicionais, é incompatível com a heterogeneidade das culturas.

No entanto, nenhuma das explicações aponta para visou comprovar ou rejeitar a hipótese proposta, pois, para tanto, seriam necessários estudos em maior profundidade e, conseqüentemente, novos dados. Pretendemos, apenas, levantar uma série de problemas que poderiam suscitar novas investigações e, talvez, em alguns campos não explorados neste trabalho.

Restava, no entanto, encontrar alguma explicação que justificasse a expectativa inicialmente proposta, ou seja, a de que nosso adolescente é moderno em suas atitudes perante os valores da cultura.

Realizando um trabalho com dados extraídos



de entrevistas com jovens, este nos deu a oportunidade de observar que realmente o modernismo caracteriza esta faixa etária em nossa comunidade.

Os resultados aos quais chegamos com a realização das entrevistas, embora sem a profundidade que seria exigida, vieram confirmar as nossas idéias de que a elaboração de uma síndrome de indicadores deve ser precedida de "estudos de casos" dentro da própria sociedade e cultura a ser estudada.

Por outro lado, as entrevistas indicaram haver uma relação entre modernismo e anomia, sendo a anomia proveniente da constelação adolescência, mudança sócio-cultural e ajustamento social adequado.

Desta forma, podemos concluir que modernismo e tradicionalismo devem ser captados na própria realidade a ser estudada e explicados compreensivamente a fim de poderem revelar as conexões entre os vários componentes de valores individuais e sociais.

Por este motivo, os indicadores só podem adquirir sentido e serem explicados no próprio contexto sócio-cultural no momento considerado.

Só então, podemos apreender a complexidade deste sistema sócio-cultural, na sua singularidade e unicidade, e explicar, de forma compreensiva, a influência que o mesmo exerce sobre as atitudes dos indivíduos que convivem no seu interior.

Deste conhecimento do particular, talvez possamos chegar às idéias genéricas que, certamente, não servirão para explicar uma realidade sócio-cultural no seu todo, mas servirão, talvez, para explicar compreensivamente as suas singularidades e, por meio destas, certas regularida



des de comportamento individual ou grupal.

Os problemas por nós levantados são discutidos por Blumer, na sua obra *Symbolic Interactionism*.

Somos, finalmente, levados a propor um esquema de trabalho futuro, que julgamos viável para classificar uma sociedade como moderna ou tradicional e as atitudes individuais modernistas ou tradicionalistas compatíveis com as tendências do meio sócio-cultural mais amplo (na sua singularidade e unicidade):

a- Compreender a sociedade a ser investigada (construindo tipos ideais), a fim de adquirirmos os instrumentos heurísticos para poder investigar a área empírica à qual Modernismo e Tradicionalismo possam estar relacionados.

b- Realizar "estudos de casos" realmente significativos a fim de se captar, no plano empírico (se houver), os eventuais indicadores de Modernismo e Tradicionalismo.

c- Verificar se os indicadores eventualmente encontrados possibilitam a construção de um instrumento capaz de descrever, dentro da cultura considerada, o Modernismo e o Tradicionalismo na sua unicidade e singularidade.



ANEXO Nº 1

*Alguns dos itens informativos incluídos no questionário
aplicado*

NOME DA ESCOLA -

NOME DO ALUNO -

DIA, MÊS E ANO EM QUE NASCEU -

SEXO -

SÉRIE QUE ESTÁ CURSANDO -

OPÇÃO FEITA PARA O TERCEIRO ANO COLEGIAL -

ESTADO CIVIL -

RELIGIÃO DOS PAIS -

1- Em que país nasceram seus pais? Especifique:

Mãe

Pai

2- Que cursos fez seu pai? Assinale com um x.

() Nenhum

() Primário incompleto

() Primário completo

() Ginásial incompleto

() Ginásial completo

() Colegial incompleto

() Colegial completo

() Normal incompleto

() Normal completo

() Superior - especifique qual.....

() Outro curso - especifique qual



3- Que cursos fez sua mãe? Assinale com um x.

- () Nenhum
- () Primário incompleto
- () Primário completo
- () Ginásial incompleto
- () Ginásial completo
- () Colegial incompleto
- () Colegial completo
- () Normal incompleto
- () Normal completo
- () Superior - especifique qual
- () Outro curso - especifique qual

4- Seu pai trabalha? Assinale com um x e especifique:

- () Sim - especifique no que
- () Não
- () Falecido - especifique no que trabalhava
- () Aposentado - especifique no que trabalhava.....

Em caso afirmativo, especificar qual a ocupação sendo bem preciso. Se seu pai for operário, funcionário, comerciário, industriário, ferroviário, etc., diga que serviço faz na fábrica, repartição ou companhia onde trabalha. Se for comerciante, diga se tem empregados e o número deles, bem como o ramo de negócio; se for gerente, o tamanho da empresa (pequena, média, grande); se for agricultor, diga se é sitiante, fazendeiro, meeiro ou empregado; se for militar, o posto. Se for falecido ou aposentado, diga qual a ocupação que teve durante a maior parte de sua vida.



5- Seu pai atualmente, tem a mesma profissão que tinha quando solteiro ou mesmo depois que se casou?

() Sim

() Não

Se a resposta for negativa, dizer seguindo uma linha de tempo, quais os empregos que teve antes do atual.

.....
.....
.....

Obs. Com relação às questões de números 2 e 3, levando em consideração a visão macroscópica que imprimimos ao trabalho, os níveis de instrução foram agrupados em:

Nenhum

Primário incompleto

Primário completo

Médio incompleto

Médio completo

Superior

Com relação a "outros cursos", agrupamos os sujeitos seguindo o critério da escolaridade exigida para cada um dos cursos especificados.



A escala de Tradicionalismo de Kahl/Dias

Fazer planos somente traz infelicidade, porque os planos di
ficilmente se realizam

A gente precisa ter boas relações com pessoas influentes pa
ra progredir na profissão.

Quando se está procurando emprego, deve-se arranjar um lu
gar perto dos pais, mesmo que isto signifique perder uma
boa oportunidade.

Em geral, a vida nas grandes cidades é mais interessante;
há sempre oportunidade de se conhecerem pessoas diferentes.

Se houver oportunidade de contratar um ajudante de trabalho
sempre é melhor contratar um parente do que um estranho.

O controle desta cidade está nas mãos de um pequeno grupo
de pessoas e um cidadão comum não tem muita influência.

Não é bom deixar seus amigos saberem tudo a respeito de sua
vida, pois eles podem tirar proveito de você.

Para ser feliz, a gente deve comportar-se como os outros
desejam, mesmo que seja preciso não manifestar as próprias
idéias.

Hoje em dia, como as coisas andam, a pessoa inteligente de
ve preocupar-se com o presente, sem se incomodar com o que
pode acontecer amanhã.



O filho de um trabalhador não tem muita chance de chegar a ser médico, engenheiro ou advogado.

Quando uma pessoa está numa fase má da vida, somente pode contar com a ajuda dos parentes.

As pessoas nas cidades grandes são frias e fechadas; é difícil fazer novos amigos.

Esta cidade não é um lugar muito simpático; a gente só pode fazer amizades com pessoas do mesmo tipo que o nosso.

A maior parte das pessoas retribuirá sua amizade com ingratidão.

Prefiro um emprego que me dê oportunidade de realizar um trabalho independente e meu esforço seja reconhecido.

Nós, brasileiros, sonhamos com grandes coisas, mas, na realidade, somos ineficientes no que diz respeito à indústria moderna.



A Escala de Tradicionalismo de Aparecida Joly Gouveia

A obediência aos pais é uma das coisas mais importantes que a criança deve aprender.

Mesmo depois de casados os filhos devem obedecer aos pais.

Uma moça não deve se casar contra a vontade dos pais.

Temos mais obrigação de ajudar a um tio ou primo do que a um amigo.

Ítems de tradicionalismo extraídos do estudo de Aparecida Joly Gouveia "Professoras de Amanhã" (com alterações feitas)

- 1- Rapazes e moças devem receber o mesmo tipo de instrução.
- 2- Os rapazes devem receber mais instrução do que as moças.
- 3- É justo que a sociedade seja mais tolerante com o procedimento dos rapazes do que com o procedimento das moças.
- 4- Na escolha de sua profissão ou carreira, a mulher devia ser tão independente quanto o homem.
- 5- As profissões que exigem contatos diários de trabalho com pessoas do sexo oposto não são muito indicadas para a mulher.
- 6- O trabalho fora do lar torna a mulher menos feminina.
- 7- Quando trabalha fora, a mulher tem o direito de gastar seu dinheiro sem a interferência do marido.
- 8- Não fica bem à mulher casada o trabalho fora do lar.
- 9- Nas eleições, a esposa deve sempre acompanhar o marido, isto é, votar nos candidatos que ele escolher.
- 10- Na escolha do lugar de residência, a esposa tem o direito de dar, também, sua opinião.
- 11- A mulher deve estar mais ou menos a par dos negócios do marido.
- 12- O marido deve ajudar sua esposa (cuidar dos filhos) nos serviços domésticos.
- (13- Para ser uma boa mãe, a mulher precisa de algum conhecimento ou orientação em psicologia infantil).



*Escala de Categorias Ocupacionais hierarquizadas para a
Alta Araraquarense, do Prof. Rudolf Lenhard.*

Categoria	Algumas ocupações in- cluídas
Ocupações urbanas	
<i>A- Ocupações de alto nível intelectual</i>	
A-1 Ocupações predominantemente inte- lectuais, envolvendo ascendência em relações humanas	Médico, professor se- cundário e superior, dentista, contador au- tônomo, advogado
A-2 Direção de empresas privadas de vulto e de repartições	Dono ou gerente de es- tabelecimento comerci- al complexo, delegado de polícia, industrial, ins- petor de ensino.
<i>B- Ocupações caracterizadas por iniciativa em relações humanas</i>	
B-1 Ocupações comerciais de nível médio	Pequeno ou médio comerci- ante, pequeno industrial, caixeiro viajante, corretor
B-2 Chefia média	Gerente de estabelecimen- to médio ou pequeno, chefe de seção, sargento, pro- fessor primário
<i>C- Ocupações técnicas e burocráticas</i>	
C-1 Ocupações técnicas e artesanais	Relojoeiro, músico, de



C-2 Ocupações de escritório	senhista, alfaiate, gráfico, técnico eletrônico, fotógrafo
D- Ocupações manuais	Escriturário, faturista, secretário, responsável por escritório pequeno
D-1 Ocupações manuais algo qualificadas	Mecânico, eletricista, marceneiro, sapateiro (consertos), tapeceiro, funileiro, pintor de automóveis
D-2 Direção de veículos a motor	Motorista de caminhão, de ônibus, de taxi, maquinista de estrada de ferro
E- Ocupações de serviço	
E-1 Atendimento e vigilância	Balconista, cobrador, guarda-noturno, zelador, soldado, vendedor ambulante
E-2 Atendimento, envolvendo serviço algo qualificado	Barbeiro, enfermeiro, instrutor de auto-escola
F- Ocupações algo qualificadas envolvendo esforço físico	
F-1 Ocupações braçais algo qualificadas	Pedreiro, carpinteiro, calceteiro, fundidor, açougueiro, poceiro, pintor de casas
F-2 Condução de veículos a tração animal	Carroceiro, carrinheiro
G- Ocupações não qualificadas	
G-1 Ocupações não qualificadas, relativamente leves	Operário industrial, faxineiro, auxiliar de entregas, la



ANEXO 49

G-2 Ocupações não qualificadas, relativamente pesadas	vador de carros Servente de pedreiro, carregador, serviços pesados variáveis
---	---

Ocupações rurais

A-R Direção de empresas rurais	Fazendeiro
B-R Administração subalterna de empresas rurais	Administrador de fazenda
D-2 Ocupações rurais algo qualificadas	Sitiente
F-R Ocupações semi-rurais algo qualificadas	Jardineiro, pescador
G-R Ocupações rurais pouco ou não qualificadas	Camarada, meeiro, retireiro, boiadeiro



Modelo de Kahl

Valores vigentes na cultura tradicional e na cultura urbano-industrial

ÁREA	TIPO IDEAL	
	Tradicional	Urbano-industrial
Ocupação.....	O trabalho é uma atividade inseparável da própria vida; faz parte do status geral de cada indivíduo, é aceito sem planos racionais de mudança.	O trabalho é uma atividade à parte exercida longe da família, faz parte de uma carreira
Estratificação das oportunidades.....	O filho segue a profissão do pai e dele aprende as técnicas de trabalho. A sociedade é separada em estratos e há escassas possibilidades de mobilidade.	O indivíduo prepara-se para o trabalho através de educação formal, passa por alguma forma de aprendizagem, até completo domínio do trabalho. Isto é feito independentemente da profissão do pai.
Laços familiares....	A influência dos parentes tem precedência nas decisões a respeito de profissão; o indivíduo tem obrigações para com os parentes.	As decisões a respeito de profissão são racionais, os valores de impessoalidade, eficiência e ambição de progredir estão acima da influência dos parentes.
Fatalismo.....	O trabalho e a vida são estáveis e o indivíduo adota uma atitude fatalista em relação à sua posição.	São altamente consideradas as idéias e técnicas novas, bem como o controle ativo do meio



		e de si mesmo, os indivíduos são "ativistas"
Preferência por vida provinciana.....	0 indivíduo tem preferência por vida provinciana.	0 indivíduo tem preferência por vida urbana
Desconfiança de estranhos.....	0 indivíduo só confia em parentes e amigos próximos.	As relações são impessoais; o indivíduo apoia-se em acordos formais.
Individualismo.....	0 indivíduo é incapaz de atitudes independentes.	0 indivíduo tende a adotar atitudes independentes.
Interesse por notícias.....	Interesse voltado para assuntos locais	Interesse voltado para assuntos internacionais



BIBLIOGRAFIA

- ARMER, Michael & SCHNAIBERG, Allan. "Measuring Individual Modernity", *American Sociological Review*, Vol. 37, Nº3 (junho, 1972) pp. 301 a 316.
- AZEVEDO, Fernando de. *A Cidade e o Campo na Civilização Industrial e Outros Estudos*. In *Obras Completas* Vol. XVIII, São Paulo: Melhoramentos, 1962.
- BLUMER, Herbert. *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1969.
- BOSE, Santi Pryia. "Are Tradition and Modernity Relevant to Development as Exclusive Systems?" *Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, nº 3, 1.^a série (novembro de 1970) pp. 5 a 29.
- CARVALHO FRANCO, Maria Sylvia de. "Sobre o Conceito de Tradição", *Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, Nº 5, 1.^a série (junho de 1972) pp. 9 a 40.
- DIAS, José Augusto. *Ensino Médio e Estrutura Sócio-Econômica*. Rio de Janeiro: INEP, 1967.
- FERNANDES, Florestan. *Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica*. São Paulo: Nacional, 1959.



GERMANI, Gino. "Secularización y Desarrollo Economico". *Resistências à Mudança*, Rio de Janeiro: Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, 1960, pp. 261 a 279.

----- . *Sociologia de la Modernización: Estudios Teóricos, Metodológicos y Aplicados a America Latina*. Buenos Aires, Paidós, 1969.

GOUVEIA, Aparecida Joly. *Professoras de Amanhã: Um estudo de Escolha Ocupacional*. Rio de Janeiro: INEP, 1965.

GOUVEIA, Aparecida Joly & HAVIGHURST, Robert J. *Ensino Médio e Desenvolvimento*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

GURVITCH, Georges. *La Vocación Actual de La Sociología*. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 1953.

GUSFIELD, Joseph R. "Tradition and Modernity: Misplaced Polarities in the Study of Social Change", *The American Journal of Sociology*, Vol. 72, Nº 4 (january 1967), pp. 351 a 362.

HATCHINSON, Bertram. *Mobilidade e Trabalho*. Rio de Janeiro: INEP, 1960.

KAHL, Joseph A. "Urbanização e Mudanças Ocupacionais no Brasil". *America Latina*, Ano V, Nº 4 (out/dez. de 1962) pp. 21 a 30.



----- . *The Measurement of Modernism: A Study of Values in Brazil and Mexico*. The University of Texas, 1968.

KILPATRICK, W. H. *Educação para uma Civilização em Mudança*.

Trad. Noemy S. Rudolfer. São Paulo: Melhoramentos , 1969.

LENHARD, Rudolf. "Atividades Econômicas na Cidade de São José do Rio Preto". *Sociologia*, XXVI, Nº 2 (junho de 1964) pp. 171 a 182

----- . "Alguns Dados sobre o Potencial Humano da Economia Riopretense", *Revista do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto*, Nº 6, 1970.

----- . *Sociologia Educacional* . São Paulo: Pioneira, 1973.

LENHARD, Rudolf & AMARAL, Heloísa Spínola do. "Aspirações de Ginasianos em Fernandópolis", *Ciência e Cultura* Vol. 20, Nº 2 (junho de 1968), p. 273.

LENHARD, Rudolf & SILVEIRA, Maria Luiza. "Desejos Profissionais de Ginasianos em São José do Rio Preto", *Ciência e Cultura* Vol. 20, Nº 2 (junho de 1968), p.274.

MANNHEIM, Karl. *Diagnóstico de Nuestro Tiempo*. Trad. José Medina Echavarría. México: Fondo de Cultura Económica, 1959.

----- . *O Homem e a Sociedade: Estudos sobre a Estrutura So*



cial Moderna. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

MARROU, H. I. *Do Conhecimento Histórico*. Trad. Ruy Belo. Lisboa: Aster, s/d.

MELLO E SOUZA, Antônio Cândido de. "Tendências no Desenvolvimento da Sociologia da Educação", In Pereira, Luiz & Foracchi, Marialice (organizadores), *Educação e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1964. Pp. 7 a 18.

----- . "A Estrutura da Escola" In Pereira, Luiz & Foracchi, Marialice (organizadores), *Educação e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1964. Pp. 107 a 137.

MERTON, Robert K. *Teoría y Estructura Sociales*. México: Fondo de Cultura Economica, 1965.

PARSONS, Talcott. *The Social System*. New York: The Free Press, 1966.

QUEIRÔZ, Maria Isaura Pereira de. "Pesquisas Sociológicas sobre o Sub-Desenvolvimento: Reflexões Metodológicas". *Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, Nº 5, 1.^a série (junho de 1972) pp. 41 a 76.

SMITH, Thomas Ervin. "Social Class and Attitudes Toward Fathers". *Sociology and Social Research: An International Journal* Vol. 53, Nº 2 (january, 1969), pp.217 a 226.



